

Marisol Barenco de Mello

Barcos ao Mar

“RECORDO PORQUE ME ACONTECES”



 **Pedro & João**
editores

BARCOS AO MAR

“recordo porque me aconteces”

Marisol Barenco de Mello

BARCOS AO MAR

“recordo porque me aconteces”

Copyright © Marisol Barenco de Mello

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Marisol Barenco de Mello

Barcos ao mar: “registro porque me aconteceu”. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 196p. 13,97 x 20,99 cm.

ISBN: 978-65-265-1325-5 [Digital]

1. Memorial heterobiográfico. 2. Escrita heterocientífica. 3. Estudos bakhtinianos. I. Autora. II. Título..

CDD – 800

Capa: Petricor design sobre arte de Gabriela Barenco (Gabriela Barenco)

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Marisol Barenco de Mello

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024



*A todos que vivem amorosamente comigo essas vidas.
Para meu amigo Vanildo Stieg, em seus novos voos.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO João Wanderley Geraldi	9
INTRODUÇÃO	15
SOLILÓQUIO: quem escreve?	27
DIÁLOGO: entre a memória e o recordar	43
CARTA: o mestre e o abismo	55
ENCÔMIO E DEFESA DO CONDENADO: Morte e renascimento na UFF	69
CONFISSÃO: monólogo sobre um renascimento	85
DIÁLOGO NO LIMIAR: arte e vida na unidade da minha responsabilidade	97
CONCLUINDO	111
BARCOS AO MAR: Gentes reunidas por afeição ao tempo e às relações	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	187

DAS POSSIBILIDADES HUMANAS DE ENUNCIAR E DE TRANSFORMAR O MUNDO

A propósito do Memorial de
Titularidade de Marisol Barenco de Mello

por João Wandelely Geraldi

...para que a escrita advenha e subsista, insista, ela assenta sempre num processo de a(na)mnésia, no sentido em que recorrendo à memória ela ultrapassa a fixação no já-dito...
(Maria Augusta Babbo, A escrita do livro, p. 113)

Difícil encontrar palavras depois das muitas palavras que (des)velaram uma vida imensa em seus horizontes de possibilidades, em que as escolhas ditadas por uma ‘memória de futuro’ que lhe forneceu critérios, não fixaram uma trilha a percorrer sem retornos: cada passo carregava a recordação das possibilidades não escolhidas. Recordações, às vezes, dilacerantes: por que não fui por lá? Mas se o “por lá” ainda existe, por que não voltar e recomeçar, mesmo sabendo que o “por lá” já não é aquele mesmo que um dia ficara de lado, por que o caminhante já não é aquele?

Quando se pensa uma “carreira”, imagina-se um caminhar sem curvas, um andar para frente, como se o ponto de chegada existisse e com clareza, de lá, ainda que longínquo, iluminasse os passos do aqui e agora que se foi fazendo passado, que um memorial resgataria sem rasgos, sem traças, sem máculas, como se o último documento fosse um símile do primeiro. Como se eventos atestados no passado distante e eventos atestados no passado recente fossem produtos de um equilíbrio existente, de uma ossatura da Ordem que tudo vigiaria e nada deixaria escapar. Pois os atestados deixam escapar o essencial. E Marisol, recortando o vivido em tempos e gêneros

distintos, dá carne e sangue aos papéis à medida que os desdobra: acumulados, mudos enquanto documentos, plenos de vida enquanto monumentos que despertam recordações: o monumento se dá a ler; o documento carrega palavras fixas.

Que beleza, Marisol! Ler você é também ler tantos outros que você nos traz, que nos faz recordar. De imediato, preciso confessar que já suas primeiras linhas me fizeram buscar o texto de Maria Augusta Babbo, em que aprendi

A escrita, enquanto experiência do próprio, revela-se, antes de mais, um processo de confronto com o texto alheio. Nela se pratica, se desafia mesmo, o campo da identidade. Em que circunstâncias pode esse conflito ultrapassar as regras e aceder a uma forma aberrante de escrita?

O aberrante é voz do berrante. Que limpa palavras para fazê-las dizer ternamente o que ainda não disseram, mas que deixarão ainda por dizer. Não há eternidade nas palavras: seus retornos, carregados de vozes que as ocuparam, tem a capacidade da ressurreição. E ressurge como outra na cadeia infinita dos diálogos que condensa e para os quais se abre. Marisol se mostra como palavra: condensação e abertura.

Acomodados à memória que nos traz o caminhante do passado como se fosse o caminhante-narrador do presente, retirando-lhe os sulcos traçados pelo tempo, tranquilizamo-nos diante do que um dia foi presente. Você, Marisol, recusou esta forma de se dar a ver porque não foi assim a vida vivida, nunca é assim a vida vivida: nunca o mundo da vida se deixa apequenar no já dado. E recusando este caminho, passou por diferentes gêneros como diferentes foram as formas de viver o tempo.

Obviamente, não se trata de imaginar que a cada momento houve uma resposta ‘adequada’ a suas exigências. Pelo contrário, na história aqui contada a flecha se inverteu: não foram as exigências do tempo que levaram a respostas, mas foram as exigências postas ao tempo então presente que iluminaram as respostas não previstas. A recusa fundante do percurso, parece-me, é justamente esta: impor questões ao tempo em lugar de responder a suas demandas.

Coerente com este fundamento – o mesmo que leva buscar **as possibilidades humanas de enunciar e de transformar o mundo** – você escapou à descrição porque escapou da arenga monológica. Sequer a uniformidade de gênero, porque sabe com Bakhtin que um gênero somente se afigura, se configura por sua relação com os outros gêneros e que entre eles o importante não é a identidade de cada um, mas as inter-relações que os engravidam e lhes permitem gestar e parir um outro gênero, e outro, e outro. Mas nenhum deles morre por dar à luz o novo: não só está no novo, mas enquanto próprio, está disponível a outros arranjos, a outras medidas, a outras investidas: um gênero que gerando também se gera outro de si mesmo. Talvez esteja aí o segredo de não o notarmos presente a cada romance, a cada poema, a cada filme porque lemos o romance e o poema, não os gêneros, vemos o filme, não o gênero. E em lendo e vendo, neles nos perdemos para deles retornarmos enriquecidos pela experiência do êxtase que não nos deixa estáticos, mas brilhantes e vibrantes.

Eis a arte que você vive tanto. Se um Herman Hesse escrevesse sua biografia, como imaginariamente fez em *O jogo das Contas de Vidro*, você seria um José Servo que, entrando na Ordem da Academia – nossa Castália –, desdobrou suas práticas, expôs feridas e encontrou o portal – lá para dentro, o inferno da burocracia e das vaidades que a queimaram, mas do qual ressurgiu para o

limiar como Alceste retorna do mundo dos mortos por arte e luta de Hércules com Tântalos. Alceste revive depois do gesto amoroso de aceitar a morte para que seu amado esposo Admeto vivesse. Este deveria morrer, mas ela morreu por ele e por isso voltou. E você ressurgiu e soube se colocar diante do portal, de ficar no limiar, estabelecendo diálogos para dentro e para fora, juntando arte e ciência, porque estas são as duas formas de conhecer com sabor quando se tem presente que não basta conhecer.

A maioria de nós, acadêmicos, sofremos a fobia do plágio – somos sobretudo comentadores. Fazemos exegese. Não foi a isso que você se dedicou ao estudar Bakhtin. Ao afirmar que *“a pesquisa na qual me empenho busca justamente isso: ver o mundo com olhos de Bakhtin, ler o mundo que Bakhtin leu, buscando sua visão, buscando compreender o mundo que hoje acessamos através da sua visão filosófica, que estudamos no mesmo processo”* você nos diz que não se trata de fazer exegese dos textos bakhtinianos, dizer *“o que realmente Bakhtin teria dito”*, posição que vem tomando corpo nas discussões das diferentes recepções tradutórias da obra, fazendo exatamente a filologia que o filósofo russo condenou. Trata-se de usar Bakhtin e seu Círculo: sua filosofia, seus modos de enxergar, para com eles enxergar o presente, construir possibilidades, algumas delas absolutamente impossíveis no começo do século passado. A isto podemos chamar de *“transgrediência”*, esta relação de empatia e exotopia, este modo de ler e usar, sem transformar a palavra do outro em fórmula a repetir.

Ainda acompanhando Maria Augusta Babbo, a maioria dos acadêmicos sofremos este

...peso excessivo da memória, de uma *“memória de elefante”*. Enquanto o sujeito que se afirma como autor

trabalha num processo de solidificação da sua identidade, demarcando-se do alheio, o plagiador deixa-se abafar por uma voz outra. O autor esquece e por isso escreve. O plagiador fixa, retém, e por isso re-produz.

Mas sublinhemos: solidificação da identidade como demarcação do alheio, porque este é constitutivo daquela. Por isso a identidade não passa de uma demarcação, e demarcações mudam de lugares fazendo com que a “solidificação da identidade” não passe de um acabamento provisório que o alheio lhe dá.

Ao **voltar ao passado**, você percebeu e ensinou que um passado não revisitado, não ressignificado no presente, manufatura um futuro como repetição do existente

Ao **decreto do fim da história**, você respondeu que “em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo”. (Bakhtin, *Estética da criação verbal*, p. 410)

Ao decreto **do genocídio e da necropolítica**, nesta “*fundamental ausência como possibilidade de dizer a vida*”, você respondeu o tempo todo, sempre dedicado à formação de si e dos outros, cuja consistência se traduz na fórmula da abertura para o múltiplo e para o não estabilizado que tanto praticou, você respondeu, repito, com o poeta

- Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,

se quer mesmo que lhe diga.
É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva;
e não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica

...

(João Cabral de Melo Neto. *Morte e vida Severina*)

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a escrita deste memorial, vários problemas teórico-conceituais se colocaram, uma vez que venho estudando e pesquisando, primordialmente, as condições da criação da imagem de ser humano, na arte, na ciência, nos gêneros cotidianos. Essa é, segundo creio, a tarefa central da pesquisa filosófica de Bakhtin, ou seja, criar uma filosofia da vida em bases alteritárias, buscando nas linguagens as condições de escritura dessa filosofia.

Compreendendo que cada pesquisa sobre a obra de um autor é, ela mesma, a construção e criação de um ponto de vista sobre a obra, afirmo a minha própria abordagem dos estudos bakhtinianos, nem mais, nem menos verdadeira que outras, mas singular, ainda que construída coletivamente. Afirmo a centralidade, expressa em vários textos e teses, apontamentos e ensaios de Bakhtin, da problemática da criação de uma imagem de ser humano que mantenha, em sua escritura, as condições de abertura, de criação, de infinitude inacabável e de dialogicidade constitutiva, próprias do ser humano, na visão bakhtiniana. Desde seu ensaio nos anos 1920, *Para uma filosofia do ato responsável*, passando pela pesquisa das condições da relação entre um autor e um herói – um ser humano objetivado – pelos estudos aprofundados das obras de Dostoiévski, Goethe e Rabelais, bem como naquilo que se configurou o centro de minha própria pesquisa, a saber, as condições metodológicas da abordagem das obras artísticas, considerando as relações entre linguagem, ideologia e interações sociais, Bakhtin e seus companheiros buscaram, incessantemente, problematizar as condições da criação das imagens de ser humano, na vida, na ciência e nas artes.

Uma de suas primeiras premissas trata da intrínseca posição tríplice do ser humano, configurando como dialógica a possibilidade do ser: a arquitetônica eu-outro. Uma ética das relações de alteridade, esse é ponto fundamental da sua filosofia. Se, na vida, o centro emotivo-volitivo que podemos chamar “humano” possui arquitetônica tríplice, considerando pensamento, linguagem, ato, desejo, criação, sempre em relação aos seus três momentos (eu, outro-para-mim, eu-para-outro), na escritura dessa vida, seja ela filosófica, artística, científica ou mesmo cotidiana, essa arquitetônica não pode perder-se nas formas discursivas monológicas do eu identitário. Esse eu que converte tudo em objeto de sua ação, que crendo-se centro unitário de valor, reduz até mesmo o outro ser humano a coisa, mortificando-o, exaurindo daquele as suas forças históricas e sua irredutível conexão com a humanidade toda e com a vida.

Contra essa força mortificadora da abstração, do conceito, da generalização, da representação e da coisificação do outro, Bakhtin estudou, na literatura, as forças outras criadas pelos grandes artistas. Estudou a fundo as obras de Dostoiévski e Rabelais (a obra de Goethe lamentavelmente perdeu-se, só restando alguns apontamentos), bem como outros poetas como Maiakóvski e Púchkin, afirmando as forças libertárias da polifonia, do dialogismo e do riso, capazes de conter e deter, de contraporem-se às forças das culturas oficiais, interessadas na permanência, na fixidez, na imobilização e fechamento, no discurso único e geral, nas abstrações e na seriedade e fatalidade do futuro como decorrência das condições do presente. Lutou contra todas as formas de violência na palavra, ele que viveu em tempos de abertura multiforme, mas também um longo período de fixidez da palavra única oficial (1895-1975).

Junto com os demais membros do Grupo Atos – grupo de pesquisa que participo, na Pós-graduação em Educação da UFF – estudamos a obra de Bakhtin buscando compreender esses movimentos. Desde o ano de 2016 venho escrevendo a tese que vem sendo aos poucos consolidada, e que afirma justamente a centralidade do estudo da imagem de ser humano – na arte, lugar oblíquo para compreender a vida – na obra de Bakhtin. *Cronotopo* é o nome que Bakhtin deu a essa sua construção metódica, e que lhe permitiu investigar, na história do gênero romance, as forças libertárias que participam historicamente das possibilidades artísticas dos autores que estudou. Forças presentes nas formas contemporâneas e antigas, disponíveis nos gêneros. A esse estudo deram – Bakhtin e Medviédev – o nome de *poética histórica*, ou *poética sociológica*. Uma das primeiras posições que Bakhtin assume e defende enquanto estética é a da impossibilidade da coincidência entre o autor-criador e o autor-homem. Essa posição, trabalhada a partir das premissas dos formalistas russos, cria a primeira interrupção no movimento arte e vida, que não são a mesma coisa, embora tenham responsabilidade recíproca, como Bakhtin escreveu, com pouco mais de vinte anos de idade. A segunda, que complica ainda mais a relação, afirma a impossibilidade de estarem em um mesmo plano de relações o autor e a personagem, ou seja, o ser humano criador e o ser humano criado como imagem estética. A essa não coincidência de planos Bakhtin deu o nome de transgrediência: uma relação de, ao mesmo tempo, empatia e exotopia. Diz Bakhtin com força: só é estética a obra que possui transgrediência entre o autor e a sua personagem.

Não continuarei a desenvolver minhas ideias sobre a teoria bakhtiniana, já que optei por não apresentar nesta ocasião a minha tese, mas sim um memorial. Justamente

aqui o que gostaria de ressaltar com essas reflexões iniciais é o problema da elaboração da autoimagem, do autorretrato, da autobiografia e, acrescento, de um memorial da própria carreira. Acreditando que toda escrita comporta uma força estética (em maior ou menor estado), e que quanto maior a força estética em uma escrita, maior o índice de alteridade nas relações entre autor-homem, autor-criador e herói, por consequência, quanto menor a força estética de uma escrita, maior a probabilidade de coincidência (ao menos um grande índice de identidade entre as posições, que podem até chegar ao nível do espelho, a que Bakhtin refere-se como falsa e retórica) entre as diferentes posições, e afirmando a dimensão estética como condição da abertura dos enunciados às grandes questões, reitero, portanto, a necessidade de problematizar as condições discursivas da escrita de um texto-memorial de carreira. Afirmo a necessidade e o cuidado teórico com essa escrita, ainda mais sendo a carreira de uma pesquisadora bakhtiniana, aqui sendo escrita por ela mesma. Não é a primeira vez que lidamos com isso, e tem sido justamente esse o ponto central das pesquisas do Grupo Atos. Em alguns artigos, como o *Constelar: aprendendo o exercício de uma heterociência*, escrito em 2015, na ocasião do III Encontro de Estudos Bakhtinianos na UFF, e também na fala do encontro *Recherche Avec*, que aconteceu na UFF em 2016, em parceria com pesquisadores franceses, fala que gerou o artigo: *Porque tu me escutas eu existo*, publicado no livro *O amor em tempos de escola*, afirmamos os princípios de uma escritura nas ciências humanas que possa, de acordo com os estudos bakhtinianos, manter vivos os índices de valor das relações humanas. Manter vivo o ser humano, em sua imagem criada estética e polifonicamente na linguagem. Essa, segundo creio, a pesquisa de Bakhtin, essa a nossa também, nas ciências humanas.

Nossos aportes indicam que é possível acordar, na linguagem, sempre em algum gênero, os índices de valor libertários que a história desse gênero guarda, ou revela. Na poética histórica de um gênero podemos encontrar as forças que já foram travadas, as lutas que já foram enfrentadas, na arena pública que é a palavra. Assim, tendo como tarefa a escrita de um memorial de carreira, me demoro na compreensão dessa forma textual em sua historicidade, e elejo, por similitudes, o ramo histórico da autobiografia como gênero. Bakhtin aprofundou-se nesse estudo, em sua poética histórica da obra de Rabelais, já que uma das escolhas formais deste último autor foi a da narrativa autobiográfica das personagens Gargântua em seu livro, e Pantagruel, em seus outros três.

Essa poética histórica que encontra nos gêneros autobiográficos uma força discursiva libertária encontra-se em algumas partes na obra de Bakhtin. Ressaltamos aqui uma delas em *Formas do Tempo e Cronotopo no Romance* (Bakhtin, 2002, pp. 250-262), e uma segunda em *O Romance de educação e sua importância na história do Realismo* (Bakhtin, 2011, pp. 213-216) – não tomamos em conta o excerto contido em *O autor e a personagem na atividade estética* (2011). Sem pretender exaurir esses textos, sintetizo os gêneros antigos que Bakhtin traz e busca compreender em sua poética, e que acredito serem pertinentes em nossa própria composição escrita. Escolhi, para fins de escritura, os seguintes gêneros antigos que fazem parte da história do gênero biográfico e autobiográfico: *Solilóquia* (tipo de discurso ininterrupto de um autor, que narra seu ponto de vista); *Cartas*; *Diálogos* de maiêutica; *Encômio* (o discurso de alguém sobre um morto); *Discurso de defesa de um condenado*; *Confissão*, forma que se aproxima também do monólogo polemizado (cuja forma literária atual conhecida é o monólogo do homem do subsolo, de Dostoiévski); *Menipeia* (tipo de

sátira relacionada com o diálogo com os mortos de Luciano). Em todos esses gêneros antigos Bakhtin enxerga as forças libertárias que forçam a identidade e suas armadilhas a perderem suas forças. De um modo evidente, ao trazer esses gêneros para o memorial de carreira eu os atualizo, na unidade do meu enunciado contemporâneo, em outros gêneros. Mas espero trazer suas forças libertárias para vencer essas armadilhas identitárias, sempre à espreita, por nossas vaidades e desejos de autoglorificação. Uma vez ainda, é preciso afirmar que a metódica bakhtiniana – incluindo nesse termo os demais componentes do conhecido Círculo de Bakhtin – revoluciona, justamente, o estudo das linguagens, na medida em que toma o enunciado singular como conectado na rede ideológica da qual participa e que ativa no ato enunciativo. Essas forças ideológicas podem ser acessadas na história dos gêneros, tanto nos conteúdos quanto nos materiais e formas (sobre os elementos dos gêneros, ver Bakhtin, 2011 e Medviédev, 2011). Em outras palavras, cada enunciado é a resposta singular de um enunciador, sempre de modo alteritário e responsivo, às questões de sua contemporaneidade, mas o faz em um gênero (fora do qual não existem nem enunciado, nem linguagem, nem texto). Esses gêneros, enquanto parte constitutiva das culturas e possibilidade de compreensão dos enunciados singulares, sejam esses gestos ou grandes obras literárias, guardam consigo as forças das escolhas discursivas, que são sempre ideológicas, que estão sempre em luta contra as forças estabilizadoras, essas mesmas responsivamente em luta contra as forças de abertura e multiplicidade dos sentidos. Nos gêneros antigos, podemos acessar algumas dessas escolhas, buscando escapar da homologação das formas contemporâneas que, em alguns casos, não refletem sobre a sua forma.

Escutando Blanchot:

A poesia tem uma forma; o romance tem uma forma; a pesquisa, aquela na qual entra em jogo o andamento de cada pesquisa, parece ignorar haver uma ou, coisa bem mais grave, recusa interrogar-se sobre a forma que herdou da tradição. Nesse caso, “pensar” equivale a falar sem saber em que língua se fala, que retórica se usa, sem ter a menor ideia do significado que a forma dessa linguagem e dessa retórica substitui aquela, sobre a qual o “pensamento” queria decidir. É preciso utilizar palavras douradas, conceitos formulados em vista de um saber especial, tudo isso é legítimo. Mas o que está em questão na pesquisa emerge prevalentemente no modo da exposição. O modelo é a dissertação escolar ou universitária (BLANCHOT, 2010, p. 5).

Blanchot está refletindo sobre as condições do “insensato jogo do escrever” (idem), e como Bakhtin e outros teóricos com os quais compomos nossos pensamentos e respostas, coloca em questão não somente o conteúdo das enunciações, mas sua forma (de modo integrado, como compreendem Bakhtin e Medviédev). Provocada por essas discussões, buscarei esses desvios. Não se trata de “literaturizar” a escrita (discussão evidentemente superficial), mas de assumir as forças históricas nos gêneros como modo de articular, nas palavras, suas forças latentes e presentes, sempre disponíveis: um movimento ético-estético, segundo penso.

Assim, tendo consultado como modelos já realizados diferentes memoriais onde a auto-louvação (segundo Bakhtin, só o louvor trazido junto à injúria pode ser libertário, por ser paródico, por implicar pelo menos duas vozes) e a escrita de si parecem desejar magnificar um herói, esse mesmo coincidente com seu autor, trazendo à leitura uma monológica e triste figura impossível, que é a do autor-herói de si mesmo, escolho enfrentar essa tarefa com Bakhtin. Tomei a decisão – por minha conta e risco –

de narrar esse memorial a partir de seis momentos não sequenciais, mas que se apresentaram como contextos no conjunto inacabado dos eventos da minha formação universitária enquanto profissional. Cada um desses contextos será escrito em um gênero antigo, atualizado na minha enunciação singular e presente. O primeiro, em que trago o contexto do confinamento durante a pandemia, trata do ano de 2020 enquanto ano de solidão corpórea e muito trabalho coletivo remoto. Também enfrenta o problema do espelho, ou das impossibilidades ou pelo menos das dificuldades do escrever sobre si mesmo. Esse primeiro contexto será narrado em um *Solilóquio*.

O segundo, em que problematizo o memorial enquanto catálogo de produtos, e a própria memória como ligada a processos totalizantes e identificatórios, narra minha chegada à vida acadêmica, no início do curso de Mestrado, e será escrito como um *Diálogo* maiêutico, travado entre mim e uma personagem criada a partir de muitas outras vozes, de relações reais que vivi, na UFF. O *Diálogo*, porém, acontece em um plano estético deslocado da vida, através do recurso às formas da Menipeia do Sonho (Bakhtin, 2020), ou como o autor definiu, nesse texto de *O homem ao espelho, O momento de Maomé*.

O terceiro contexto narra o período de minha formação no Doutorado, bem como o início de minha carreira como professora universitária, em suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Faço uma reflexão sobre a relação mestre-discípulo, já que foi um momento de vida em que tive mestres consolidados e, prestando homenagem ao maior deles, escrevo uma *Carta* a meu mestre Leandro Konder. Busco nessa epístola trazer à recordação e à análise os caminhos da pesquisa que desenvolvi, juntamente com as realizações coletivas que tive, nas universidades particulares em que trabalhei, e nas redes públicas de ensino em que atuei.

O quarto contexto foi escrito na forma de um duplo mergulho nos gêneros antigos, fazendo dialogarem entre si o *Encômio fúnebre* e a *Defesa do condenado*. Com um tom paródico e explicitamente crítico, faço um balanço dos problemas existentes no ingresso no serviço público federal, me colocando como atônita diante dessa diferença entre esse novo contexto e aqueles em que me situava anteriormente.

O quinto contexto toma a forma de uma *Confissão*. Citada por Bakhtin como um dos gêneros antigos que gesta as autobiografias, trata-se de formas privadas dessas, característica das mudanças já ocorridas nos contextos sociais antigos, surgindo o “homem que dialoga de forma muda”, ou os gêneros da autobiografia interiores (Bakhtin, 2002, pp. 250-262). O *Solilóquio*, articulado no primeiro contexto, diferencia-se da *Confissão* justamente por ainda estar situado em momentos históricos em que “o homem estava todo do lado de fora”, ou seja, não fazia sentido a expressão enunciativa da vida interior, que simplesmente coincidia com a vida pública dos seres humanos. As Confissões têm, assim, caráter mais expressivo, e utilizei esse tom para narrar o momento em que redescubro Bakhtin e os estudos literários, a filosofia da linguagem e participo da criação de meu próprio grupo de pesquisas, Grupo Atos UFF, como uma redescoberta de mim mesma e reinvenção da própria universidade.

O sexto contexto acabou se tornando um *Diálogo no limiar*, uma *Menipeia* modernizada para poder discutir os meus últimos anos na Universidade Federal Fluminense, assumindo a pesquisa em Bakhtin e os temas do Cronotopo, Arte, Afiguração, Heterociência e Infância como centrais nas minhas ações e as do Grupo Atos.

No intermezzo desses contextos em gêneros autobiográficos antigos atualizados, trouxe os aspectos quantitativos da minha carreira em catálogos, referentes

aos períodos afigurados. Optei por suprimi-los na versão para publicação desse presente memorial, uma vez que eram extensos e tinham como finalidade a comprovação da pontuação exigida. Mas existiram, e são parte importante dessa presente narrativa heterobiográfica. Ao final, elaborei um álbum de fotografias (não ilustrativas), como uma galeria de rostos – a presença do Outro, segundo Levinas.

Apresento, em muitas partes do memorial, colagens feitas por mim, ou imagens que penso possam enunciar, junto com os gêneros, a compreensão do contexto. Pretendi, com tudo isso, ser honesta com os valores que tenho enquanto pesquisadora, enquanto orientadora de pesquisas, enquanto professora de formação docente, enquanto estudiosa das linguagens e seu ensino, enquanto artista que pretendo ser. Tive total consciência das exigências dos documentos legais, a saber, em primeiro lugar que seja um memorial de carreira, em que sejam evidenciadas as conexões entre pesquisa, ensino, extensão e outras atividades, que possa ser percebida a minha contribuição para o desenvolvimento do ensino na minha área, bem como uma análise crítica do estado atual da pesquisa na mesma, tomando em conta a minha própria produção como contribuinte dessa crítica, além de uma análise crítica de minha contribuição para a sociedade em geral e em particular para o desenvolvimento institucional da Universidade Federal Fluminense. Essas são, a meu ver, exigências que tive com meus próprios atos, em todos os anos em que estive na UFF, e antes disso, nas universidades em que atuei, nas universidades onde estudei, e nas redes públicas em que fui professora e agente político. Espero que elas possam ser vislumbradas nas narrativas, já que representam um ponto de vista que só um outro poderia ter, sobre mim. Só posso falar e escrever de meu profundo desejo pela possibilidade de um mundo aberto, múltiplo e

generoso para com todos e todas, minhas escolhas e meus atos responsáveis que buscaram ir nessa direção, nos meus quarenta anos como professora e nos meus quase dezessete anos na UFF.

SOLILÓQUIO: quem escreve?

BORGES E EU

Ao outro, a Borges, é que acontecem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e demoro-me, talvez já mecanicamente, na contemplação do arco de um saguão e da cancela; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo o seu nome num trio de professores ou num dicionário biográfico. Agradam-me os relógios de areia, os mapas, a tipografia do século XVIII, as etimologias, o sabor do café e a prosa de Stevenson; o outro comunga dessas preferências, mas de um modo vaidoso que as converte em atributos de um ator. Seria exagerado afirmar que a nossa relação é hostil; eu vivo, eu deixo-me viver, para que Borges possa urdir a sua literatura, e essa literatura justifica-me. Não me custa confessar que conseguiu certas páginas válidas, mas essas páginas não me podem salvar, talvez porque o bom já não seja de alguém, nem sequer do outro, mas da linguagem ou da tradição. Quanto ao mais, estou destinado a perder-me definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro. Pouco a pouco vou-lhe cedendo tudo, ainda que me conste o seu perverso hábito de falsificar e magnificar. Espinosa entendeu que todas as coisas querem perseverar no seu ser; a pedra eternamente quer ser pedra, e o tigre um tigre. Eu hei de ficar em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas reconheço-me menos nos seus livros do que em muitos outros ou no laborioso toque de uma viola. Há anos tratei de me livrar dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei de imaginar outras coisas. Assim, a minha vida é uma fuga e tudo perco, tudo é do esquecimento ou do outro.

Não sei qual dos dois escreve esta página (Jorge Luis Borges, 1999a, p. 206).

O ano dessa minha escrita é 2021, mas o da decisão de escrever, 2020. Quem escreve, pensava que era eu, mas Borges me fez duvidar. Deveria ser Marisol, sua história de carreira, mas também é à outra, a Marisol, é que acontecem as coisas. Eu sento-me neste apartamento e contemplo a passagem da vida por três janelas, de Marisol recebo notícias pelos correios, pelas redes sociais e pela janela de meu computador. Ela parece ir bem, mas adivinhei-lhe a vaidade entre as publicações e aulas; eu me satisfaço com uma brisa à tarde ou o balanço das águas da baía nos remos. Fiz para ela a enumeração exaustiva de seus feitos: páginas que também não poderão me salvar, já que pertencem a algum outro lugar, talvez uma história ainda arquivada ou já espalhada para sempre, certamente no reino da linguagem, da escritura, ou do esquecimento. Enquanto enumerava seus feitos, lhe entreguei, por compaixão, o resto da minha alegria, ainda que saiba que ela fará disso algum material para trabalho. Mas agora preciso narrar-lhe a vida, não ela toda (a quem interessaria?), mas aquela parte na qual Marisol é, ao mesmo tempo, mais familiar, e mais alguém que me escapa: chamaremos do seu Memorial de Carreira.

Enquanto juntava papéis e escritas certificantes, ela me escreveu um bilhete, em que dizia que partiria para longe durante o processo: típico dela, que quer fazer para que outro arrume sua desordem. Acho que fui eu quem guardou todos esses certificados de feitos para ela: todos dentro de uma gorda pasta de fecho-éclair (fecho relâmpago, na pronúncia e tradução de minha mãe), pasta ganha no ano de 2000 em um encontro da Anped – encontro esse que raras vezes participei, a propósito. Encontrei ali papéis desde o ano de 1998, e com eles construí uma lista que condensa seus/nossos feitos de carreira. Se me vejo ali? Em vislumbres divertidos, narrativas de encontros, de brigas e de acontecimentos,

mas nada que não possa ser tomado como pura digressão, embora seja preciso admitir que foram minha vida. Para me vingar de sua vida pública, que tomou o tempo da sua vida, mas também da minha, deixo de lado vários feitos, deixo cair no chão pareceres entediados e outras papeladas que, lembro-me bem, me causaram sentimentos tais como olhar para fora da janela e ver o dia de sol que eu perdia – ou ela, aí já não sei mais quem. Também atraso o processo, comprando alguns livros de literatura que estavam na infinita lista – dela, mas fui eu quem ali os inscrevi. Basicamente, Nabokov. *Desespero* e *O olho vigilante*. Ambos citados por Umberto Eco no seu ensaio: *Sobre os espelhos*. E também comprei *O Golem*, de Gustav Meyrink que li com prazer juvenil, tanto por estar atrasando o rol de feitos e fatos de Marisol, quanto pela fantasia que me ocorreu de que todos aqueles papéis poderiam, se eu quisesse, juntar-se, não na listagem protocolar exaustivamente orientada por dois documentos legais, mas... como o Golem (segundo Luis Krausz, significa algo disforme, uma massa amorfa sem alma). Eu poderia deixar que toda aquela papelada inerte se juntasse nesse ser gigantesco e, para que ganhasse vida, bastaria (se Meyrink e Gershom Scholem estiverem certos) escrever a palavra *emet* (אמת, em hebraico, *verdade*) em um papelzinho e pô-la na sua boca, embaixo da sua língua. Segundo a lenda, esse monstro gigante a quem um rabino dera a vida para combater os agressores do povo judeu (na lenda de Praga) só poderia ser detido se alguém tirasse o papelzinho de sua boca e apagasse a primeira letra de *emet*, a letra *aleph*, deixando apenas *met* (מת, morto). Eu bem poderia fazer isso com essa papelada toda, e o faria certamente, mas...

O ano era 2020, e eu estava há meses vivendo o confinamento devido aos cuidados sanitários por causa da pandemia planetária do Covid-19. A outra Marisol aparentemente circulava, eletricamente, pelas plataformas

online, e trabalhou incessantemente com o Grupo Atos UFF, Grupo de Estudos Bakhtinianos, como se o mundo não estivesse se acabando. Tomei a decisão por nós duas de abrir e levar a cabo o processo de progressão à Carreira E – invenção recente do governo federal para seus funcionários – passando ao chamado cargo Professor Titular. Ainda não sei por que decidi isso, talvez para trazer a outra Marisol para uma parada obrigatória, talvez para tentar fazê-la parar de vez de produzir papéis, talvez para fechar algum ciclo... Daí que coloquei para fora da pasta gorda todo aquele acúmulo de papéis. Daria um belo Golem, se eu não tivesse lido os papéis. Não todos, mas aqueles que estavam com a data de 2020, ou seja, os que vieram por cima da pilha. 2020, este ano que *desaconteceu* (Lima, 2020). Para Marisol, o ano de não deixar ninguém parar para se angustiar diante da TV. Disse (eu disse): vamos responder a isso com Bakhtin! Vamos estudar.

Iniciou-se o ciclo de atividades de 2020, cuja listagem foi à parte desse memorial. Todas com a dor da separação, com a angústia das mortes incessantes, com a tristeza das políticas perversas de estadistas bizarros, que significam mortes, descaso, indiferença, desolação. Quanto mais ficava difícil, a outra Marisol mais chamava à leitura e ao estudo. É sua maldição, desde menina (não digam a ela que o revelo), esconder-se nos livros para parar de escutar os gritos, as violências e perversidades. Mas eu... eu não consigo me encontrar totalmente nesses movimentos. Busco a mim e só encontro o outro na impossível face do espelho de Magritte e de Bakhtin.

“O homem ao espelho”

A falsidade e a mentira que inevitavelmente transparecem na interrelação consigo mesmo. Imagem externa do pensamento, do sentimento, imagem externa da alma. Não sou eu que olho o mundo de dentro com os meus

próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com olhos alheios; eu sou possuído por um outro. Não há aqui uma integridade ingênua do exterior e do interior. Espreitar a sua imagem em ausência. A ingenuidade da confluência de si mesmo e do outro, na imagem do espelho. Excedência do outro. Eu não tenho um ponto de vista sobre mim mesmo de fora, não tenho uma aproximação da minha própria imagem interior. Dos meus olhos olham os olhos alheios (Bakhtin, 2020, p. 51).

Espreitar a minha imagem em ausência. Não tenho um ponto de vista sobre mim mesma de fora: a aproximação de minha imagem só pode ser obra de um outro. Bakhtin escreveu isso incessantemente em sua pesquisa pelas condições de afiguração da imagem do herói – imagem de ser humano em ato, na vida – por toda a sua obra. Esse livro, aliás, que em 2020 encontra sua segunda edição, foi uma das poucas obras em que eu e Marisol, a outra, concordamos no coração. Acho até que fui eu quem a traduzi, ela só assinou a tradução, tamanho o amor que me lembro ter dedicado a isso. Se ela aprendeu a lição, não sei, eu compreendi que não posso assumir uma escrita que, sei, transparecerão falsidade e mentira, na interrelação comigo mesma: assim que assumo a impossibilidade do falar de si, buscando outro lugar – como Bakhtin o fez – em que a escrita e a narrativa de si sejam filosoficamente viáveis. Como escrever um memorial de si nessas condições? Como narrar a minha vida, se possivelmente essa será uma imagem em ausência; se, segundo Bakhtin (2011, p. 31), só um ponto de vista forte fora de nós pode garantir a autoimagem? Se dos meus olhos olham olhos alheios, como resolver esse problema? Pior que a tarefa foi posta por mim mesma, escrever o Memorial da carreira. Parece simples, já que posso classificar todos esses papéis em ordem numérica progressiva dos anos e depois nas

diversas modalidades de atividades “que contam”. Mas que história se obtém assim, se nem mesmo posso “ver” a heroína dessa? A outra Marisol certamente diria: quantos feitos! Eu digo: preciso primeiro saber quem escreve, quem é escrita e em que condições éticas e estéticas. Como afigurar essa heroína sem fortalecer uma identidade no espelho?



1

Tentei ver meu rosto, ou o rosto da outra, mas a palavra ainda estava em ausência, como disse Bakhtin (2020), ainda está sendo proferida à revelia da pessoa (no caso eu), assim que só a nuca e as costas podem ser

¹ Colagem com fotografias, de minha autoria, 2020.

atingidas (p. 45). Essa é uma palavra-violência, proferida à revelia sobre alguém. Posso proferir uma palavra à revelia de mim mesma? Se a responsabilidade na relação do autor (quem escreve) com o herói (aquele cuja vida é escrita) é, segundo Bakhtin, justamente aquela dialógica, ou seja, a responsabilidade sem álibi de estar de frente e responsivamente diante do outro, e se, como já percebi, não encontrei ainda um modo de estar nessa posição em relação a mim mesma (sem reificar-me, sem identificar-me, sem espelhar-me), percebo que não consigo proferir essa palavra sobre mim (nem sobre a outra). Preciso encontrar outra palavra, que não seja aquela o contrário desse dizer, mas, como disse Blanchot sobre a noite – uma outra noite que não aquela que parece se contrapor ao dia, mas que na realidade apenas o serve. Preciso encontrar uma palavra que não simplesmente se contraponha à palavra em ausência, para terminar por consolidá-la, mas uma outra palavra, na qual presença e ausência como polaridades tornem-se desnecessárias. Uma palavra na qual eu me reconheça sem me descrever (falsidade da imagem no espelho), e sem me revelar (falsidade da auto-magnificência). Haverá tal palavra, e será ela, ainda, uma palavra acadêmica? A outra Marisol disse tantas vezes para seu grupo: as forças da palavra literária trazem essa possibilidade. Mas daí a ativá-las no meu enunciado, é uma outra coisa.

Enquanto a outra Marisol estudava – com o grupo ou sem o grupo – a matriculei em vários cursos de artes e idiomas. Um desses foi o curso de Colagem do Parque Lage – um sonho de menina, sempre quis estudar pintura ali na EAV – Escola de Artes Visuais – que funcionou remotamente. Assumo que a artista sou eu, mas talvez eu já tenha entregado isso também a ela, já que tantas exposições e curadorias vieram acontecendo com a sua assinatura. Já meus feitos artísticos os tenho guardados

como flores dentro de livros. Desde que eu comecei a fazer as colagens, ela diz que vai se aposentar para fazer artes, o que me faz guardar as melhores peças bem escondidas de mim mesma. Preciso ser justa: é muito artístico o modo como as teses de doutorado que ela orienta se fazem. Eu vi as três deste ano de 2020 serem escritas esteticamente (talvez seja eu que as oriente, ou talvez só damos a sorte de encontrar pessoas altamente artísticas para orientar). As dos outros anos também o foram, mas aqui estou remexendo em 2020. *Crônicas da Cidade: pensando na hospitalidade dos encontros*, de Reginaldo Lima de Moura, uma tese-crônica sobre a cidade do Rio de Janeiro como texto; “*Vem ver, Renatinha, uma froza!*”: *A criança, o poeta e a poesia numa tese-ninho*, de Márcia Fernanda Carneiro Lima, uma tese sobre infância e poesia em linguagem poética; *Os Doze Trabalhos de Hércules: um estudo em doze ensaios sobre a prática do teatro escolar*, de Ana Elisa Alves dos Santos, uma tese-ensaio mitológico-teatral. Dizendo assim não se tem ideia da grandeza dessas escrituras. Assim mesmo como Roland Barthes (2007, p. 15) apregoou em *Aula*: uma escritura capaz de burlar a língua e seus constrangimentos, aqui no caso a tese acadêmica e suas formas engessadas. Sabe que eu penso que a tese acadêmica engessada nem é problema de língua, mas das escolhas discursivas: na história do gênero, já se escreveu em diálogo de ficção, em novela, em romance, ensaio, e eu nem estou falando do Grupo Atos, mas de Galileu, de Kiekegaard, de Darwin, de tantos. Meu sonho (que acho que copiei de Blanchot) era alguém fazer uma tese sobre a poética histórica do gênero tese, mas até agora ninguém topou, talvez tenha que fazer eu mesma. Talvez a outra Marisol use isso para perserverar em seu ser rebelde, talvez queira magnificar-se com isso, mas também pode ser que muitas pessoas consigam compreender que outros estilos, escolhas discursivas e até mesmo outros gêneros podem

estar nas escrituras de tese, já que o que caracteriza uma tese não é sua forma composicional apenas, mas o conjunto dos elementos do seu gênero, incluídos aí a trama dialógica sincrônico-diacrônica, sua resposta valorada ao mundo, os elementos materiais, os desejos de conteúdo e as aventuras das formas, a autoria indelegável, dentre outros que nos cabe relevar. O mais importante é que, por essa escritura encontrar seu contexto na dimensão da cultura que chamamos ciência, para nós no campo das ciências humanas, esse é o seu contexto primeiro e irrevogável. Isso aprendi com Bakhtin e Medviédev, e persevero eu no meu ofício de alfabetizadora dessa forma: dizendo a cada um e cada uma que sua escritura é uma escritura única e que vale, que pode eternizar-se ao entrar no grande tempo das escrituras e seus gêneros, observadas as devidas bordas dos projetos enunciativos. As três teses deste ano são testemunho dessa possibilidade, e outras que já vêm chegando enunciam a mesma luta, em outras formas.

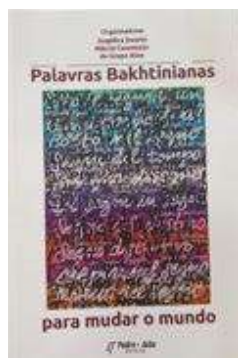
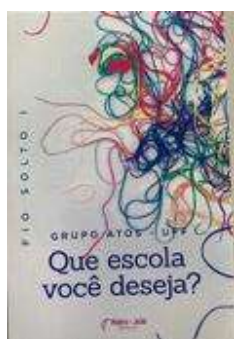
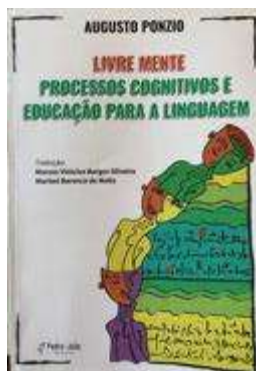


2

O Grupo Atos conta com essas duas recém doutoras, mais outras duas que terminaram em 2018 e 2019, um

² As três teses de doutorado de Marcia Fernanda Carneiro Lima, Ana Elisa Alves dos Santos e Reginaldo Lima de Moura, respectivamente.

doutor que concluiu em 2019, cinco doutorandas em processos de pesquisa e um desejo de mais algumas teses e dissertações iniciando-se, todas orientadas minhas e de Marisol, direta ou indiretamente. Neste ano de 2020 esse grupo leu, discutiu, organizou eventos para aprender e ensinar filosofia, cinema, artes visuais, filosofia da linguagem. Foram doze eventos e dois minicursos, com a participação do grupo de convidados. Publicamos três livros, que foram coletâneas de artigos dos membros do Grupo Atos, e publicamos, além das segundas edições dos livros *O homem ao espelho*, que traduzimos, e *O amor em tempos de escola*, que escrevemos juntas, eu e a outra Marisol, uma tradução inédita da obra do professor Augusto Ponzio sobre Educação, que teve como título *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem*. Também outro livro de Ponzio, em diálogo com o professor Valdemir Miotello, *A ligeireza da palavra*, que traduzimos do italiano, bem como outros vinte e um artigos que foram publicados em forma de artigos em periódicos ou capítulos de livros. Muitas escrituras, certamente feitas pela outra Marisol, mas nelas me reconheço também; talvez eu mesma tenha passado meus dias enfrentando a melancolia da atmosfera pandêmica com palavras bakhtinianas – as melhores, segundo penso, para mudar o mundo.



3

³ Livros publicados – escritos e traduzidos – no ano de 2020, com o Grupo Atos.

Mas mesmo todas essas palavras não me salvam dessa impostura. Dizer de si e da minha vida arrisca-se no terreno da identidade e suas armadilhas. A cada passo, vejo a outra Marisol consolidando-se, como Espinosa advertiu, mas a luta desde sempre foi pelas condições da alteridade na vida, na profissão, na ciência, na arte. Eu sei que a força dos feitos vem da excedência, do descentrar-se, do reconhecimento do outro como centro emotivo-volitivo dos atos, em relação comigo. A escrita de si porta todos os perigos da identidade, e não irei erigi-la como a um Golem, ou um Arco do Triunfo⁴, como o que Dürer fez para o imperador Maximiliano, como Natália me mostrou outro dia. Como farei para burlar esse perigo, será meu desafio: espreitar minha imagem em ausência e construir uma imagem outra, seguindo os passos de Bakhtin – talvez repetir isso faça com que se torne realidade. O valor, esse da alteridade, o tenho como uma flor no peito, e por mais que eu ou a outra Marisol tentem reverter isso em imagem de si, em vaidade, tanto eu quanto ela sabemos que ali há um sagrado que não se pode coisificar – o portal da morte se abriria. Vou falar da morte e de portais em outro momento.

2020 foi um ano ao quadrado. Pela temporalidade do confinamento que, se condensando, multiplicou tudo, e pela espacialidade do enquadramento das janelas. Talvez fossem retângulos, sempre tive antipatia pelas formas idênticas de qualquer lado que se olhe. Um ano “ao retângulo”, que seja, um ano de muita solidão. Tivemos que aprender a viver conosco mesmos, logo eu que tenho essa outra tão agitada. Borges fugiu para os jogos com os infinitos e eu tentei um deles na colagem em que me busquei, mas não encontrei os olhos da outra, nem os

⁴ <https://publicdomainreview.org/collection/the-triumphal-arch-of-emperor-maximilian-i-1515>

meus. Porém o que encontrei me salvou: me vi vendo, exato o que Bakhtin disse do herói. Se a vida é a dimensão central de sua filosofia, sua descrição ou a petrificaria, a reificando, ou seria a mentira e falsidade da retórica identitária. Isso Bakhtin ensaiou em *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2010)⁵. O mundo no qual o ato acontece é o mundo em sua dimensão ética, mas enquanto acontecimento só pode ser descrito indiretamente: é na literatura e poesia que Bakhtin busca ver a vida, lugares onde o centro emotivo-volitivo, sendo ainda um ser humano vivo e aberto, pode, porém, ser visto, objetivado (nunca objetificado), ser criado como um outro que, ao mesmo tempo está diante de nós (podemos ver-lhe o entorno e o fundo) e ainda possui horizonte e abertura ao infinito interno (ele pode desejar a vida e não saber sua morte). Parecem realmente ser as forças da palavra literária, em seus gêneros, que talvez me salvem da produção de uma identidade monológica.

Talvez não seja tarde para dizer ainda uma outra vez: estudamos fundamentalmente Mikhail Bakhtin, os autores que compuseram com ele um Círculo – Pável Medviédév e Valentin Volóchinov, dentre outros – e todos os outros textos que esses filósofos leram. *Todos* talvez seja muito para se dizer, mas a pesquisa na qual me empenho busca justamente isso: ver o mundo com olhos de Bakhtin, ler o mundo que Bakhtin leu, buscando sua visão, buscando compreender o mundo que hoje acessamos através da sua visão filosófica, que estudamos no mesmo processo. Às vezes faço digressão, levantando a cabeça da filosofia e lendo as obras literárias que Bakhtin deixa vislumbrar. Às

⁵ No texto inicial agradei ao Wanderley por ter encontrado esse texto para nós, mas ele acabou me dizendo que “encontrou” muitos outros, mas esse não. Eu continuo achando que ele foi um dos desbravadores da ausência de Bakhtin para nós.

vezes a outra faz digressão, dando de tentar entender Kant, Cassirer e outros, sem muita firmeza, mas com muita dedicação. Em alguns momentos eu enfrento a tarefa de discutir a filosofia da linguagem de Bakhtin em diálogo com outros aportes, mas aí a outra levanta a cabeça e vai ler as fábulas russas, a poesia russa cubo-futurista, os romances antigos e modernos. Por vingança eu atraso a leitura dela com o cinema, de Eisenstein a Pasolini. Da última vez que me perdi quase não voltei mais, descobri Khlebnikov. No fim das contas fazemos da filosofia uma escritura de arte, e das artes, uma escritura de filosofia. Aí os prazos da outra Marisol – quem serei eu? – me puxam de volta, e voltamos ao início. Um dia desapareço – como Borges, se é que um dia fui alguém.

2020 foi um ano em que tivemos como companhia esse Círculo e outros. Ainda não sei quem escreve essas páginas, se eu ou a outra Marisol, nem sei mais qual das duas sou eu; começo até a duvidar que sejamos só duas, eu só sei que preciso escrevê-las. Como disse a personagem do inspetor (Gael García Bernal), no filme *Neruda*, com roteiro de Guillermo Calderón, de 2016: “escreva meu nome, para que eu tenha existido”. Que nome seria esse, seria um nome, seria um nome? Nesta montanha de papéis se insinuam muitas vidas em relação, e nela posso espreitar inclusive minha imagem, em meio a tudo isso. Estarei atenta para não criar o Golem, não porei nenhuma emet na boca de nenhuma identidade, mas sinto há algumas horas uma vontade louca de ler esses papéis, na busca dessa outra de mim que talvez não seja aquela de quem me previno, mas uma outra que pode, quem sabe, vir a existir nessa leitura/escritura.

Do Golem permanece, para mim, a beleza de pensar que o mundo se faz na linguagem, que essa não é decorrência da vida, mas que é ela quem a cria. Vejamos que vida essas palavras lidas aqui podem criar. Quem

escreve ainda não se pode dizer, mas é uma escritura do lugar do futuro. Assim que essa Marisol que é escrita talvez não exista mais, ou exista enquanto heroína de uma história a se contar, cuja vida se encontra espalhada sobre a cama. O caso é que a verdade sobre ela – se é que haverá verdade – não será objetiva, nem subjetiva, já que parece ser um enunciador bifronte, e ademais em desejo de diálogo. Não revelará uma verdade nem tampouco um conjunto de coisas. Haverá, isso sim, uma vida aqui pensada, por ela mesma, por ela outra; haverá, como em *O Olho vigilante* de Nabokov, uma pesquisa atenta pela imagem de Marisol em sua carreira profissional como professora universitária, seja qual imagem vier das relações que esses papéis anunciarem. Mas não posso prometer contar apenas a história dela, sua trajetória acadêmica. Certamente me insinuarei em meus afetos, em suas relações pessoais, minhas vontades de partida, de dissolução das âncoras, a sua profunda curiosidade pelo que ainda nem sei se existe. No mesmo processo, também porei em questão as imposturas do ato: desde a farsa da imagem de si no espelho, passando pela crítica à produção ativa de identidades autocentradas via academia, buscando pensar uma vida profissional como um ato responsável, que foi e é profundamente pessoal e relacional, e que só pode ser colhido como uma imagem indecisa e amorosa, nos olhos de outrem. Com Bakhtin como guia, assumo minha fundamental ausência como possibilidade de dizer da minha vida. Marisol e eu.

DIÁLOGO: entre a memória e o recordar⁶



7

Estou aqui desde manhã cedo, no meio de um mar de papéis para catalogar. A bagunça parece estar maior ainda, estou cambaleando de sono nessa desordem, preciso ver que horas são, olho pela janela e a torre do relógio marca 9h56m. Me recosto rapidamente na pilha de papéis, e me lembrei dessa peça que assisti no CCBB, fui porque O

⁶ A menipeia do sonho, ou o momento de Maomé (Bakhtin, 2020, p. 58) foi o gênero antigo escolhido para narrar esse contexto. Trata-se de um talho na vida, em que se abre uma outra temporalidade, na qual a personagem viaja em diferentes temporalidades, durante um lapso curtíssimo de tempo durante um sono ou epilepsia (ver *O Idiota*, de Dostoiévski).

⁷ Cenário da peça “O imortal”, baseado no conto homônimo de Jorge Luís Borges, direção dos Irmãos Guimarães e dramaturgia de Adriano Guimarães e Patrick Pessoa.

Imortal, de Borges, é um conto que para mim condensa toda a beleza da escritura desse autor. Me recordo desse cenário, onde o antiquário Joseph Cartaphilus lia em voz alta o manuscrito que na verdade teria sido lido pela princesa de Lucinge, ou talvez fosse ela a personagem do monólogo, o fato é que o cenário afigurava o antiquário de Cartaphilus (amante dos papéis), e minha cama muito se assemelha a esse cenário, agora. No conto/peça, os escritos desse imortal em busca das águas da morte confundiam vida e escritura, uma vida longa demais, um castigo, uma desgraça, a imortalidade. Poucos cotejos me foram tão fortes na vida: os homínídeos imortais que perderam sua empatia, e as linhas de Bakhtin sobre a morte como demarcadora do valor da vida humana, no seu ensaio: *Para uma filosofia do ato responsável*. Só o valor concreto de um ser humano mortal (Bakhtin, 2010, p. 129) é que pode fornecer a “escala de medidas das séries espacial e temporal”, e só o “evento da existência desses limites [nascimento e morte] confere uma nuance emotiva-volitiva à passagem do tempo de uma vida limitada; e a própria eternidade tem um sentido valorativo somente em correlação com uma vida delimitada” (idem, p. 130). O amor estético do autor pela personagem baseia-se na sua não indiferença a essa vida única e mortal, e aqui encontra-se o cerne da pesquisa filosófica de Bakhtin, ou seja, as condições de possibilidade da escritura da vida. Borges, ao nos mostrar o horror de Cartaphilus, na época Marco Flamínio Rufo, tribuno militar de uma das legiões de Roma, em busca da Cidade dos Imortais, nos conta sobre os imortais:

O conceito do mundo como sistema de precisas compensações influenciou enormemente nos Imortais. Em primeiro lugar, tornou-os invulneráveis à piedade. Mencionei as antigas pedreiras que sulcavam os campos

da outra margem; um homem despenhou-se na mais funda; não podia lastimar-se nem morrer, mas a sede o abrasava; antes que lhe atirassem uma corda, passaram setenta anos (Borges, 1999b, p. 13).

Então olho em torno e escuto essa pista: é preciso uma vida mortal para não se cair no terreno do insignificante, do indiferente, do impiedoso. Mas, ao mesmo tempo, preciso catalogar os papéis para avaliá-los. Será possível construir um enunciado que se pretenda um memorial de uma vida – uma vida academicamente vivida – que mantenha a valoração do sentido encarnada em uma vida concreta, amorosamente afirmada? Bakhtin disse também que se suprimimos “o componente constituído da vida do ser humano mortal, se extinguirá o valor disso que é vivido: o valor do ritmo e o valor do conteúdo” (Bakhtin, 2010, p. 130).

Minha vida mortal, como percebê-la, sem que o sentido interior de minha abertura infinita contamine com subjetivações o que seria esteticamente possível? Preciso arrumar esses papéis, preciso... Por que não consigo ver as horas no meu celular? Olho pela janela novamente e vejo uma paisagem diferente da que se mostra todo dia. Definitivamente tem alguma coisa errada. Agora a janela é uma porta e me leva por um caminho de paralelepípedos (retângulos tridimensionais, ainda estou em 2020, parece) que vão dar em um grande portal.

- *Aluna ou professora?*
- *Desculpe, o que disse?*
- *O crachá, precisa levar para entrar. Aluna ou professora?*
- *Professora...*
- *Tem certeza? Nunca a vi por aqui antes...*
- *Me dá o azul, então.*

Vertigem. Olho em volta e não resta dúvida, estou na UFF, passei do portal de entrada do Campus do Gragoatá, mas estranhamente está tudo diferente, os blocos vão só até a letra D, que aliás é o meu bloco, o da Faculdade de Educação. Mas sumiram os demais blocos, a quadra, o que está acontecendo?

- *Está quase nascendo, como vai se chamar?*
- *Quem está para nascer? Quem fala?*
- *Sua barriga, está para nascer! Como vai se chamar?*

Agora sim, é que tudo ficou esquisito, estou com essa barriga de quase oito meses que tinha no ano 1995, quando nasceu minha filha, Dominique. Como é possível? Estou ali, de novo. Ingressei no Mestrado da UFF, sem nenhuma condição de estar ali, mãe de outros três filhos, moradora do interior do Estado, da cidade de Petrópolis, professora alfabetizadora e da Educação Infantil. Encontro minhas primeiras mestras, outra Dominique, a Colinvaux, Vera Vasconcellos, Regina Leite Garcia. O cansaço da barriga pesa, me sento para descansar na mureta baixa que orla os prédios. Muita gente entrando e saindo, gente adulta e gente criança, indo e vindo da Creche UFF, um centro de pesquisa, ensino e extensão universitária. Vou passar ali alguns anos de minha vida, mas ainda não agora, no futuro.

O que faz aqui? Por que essa feição tão preocupada? O que está fazendo? Não deveria estar arrumando seus papéis?

Preciso escrever um memorial, arrumar a papelada certificadora, mas ainda não encontrei as formas do dizer, estou na beira do abismo, com o risco de criar uma imagem identitária de uma Marisol impostora. Encontro algumas pistas em Bakhtin e Borges, vou tentar encontrar um modo

de encarnar em uma vida mortal, buscando manter a valoração amorosamente afirmada...

Em um memorial.

Em um memorial, sim, é o que diz o documento legal que subsidia a progressão para a carreira...

Sim, carreira E, etc., etc., já li isso acima. Estou te perguntando pelo memorial. É uma escritura de suas memórias?

Parece que sim, de minhas memórias acadêmicas. Tenho que ressaltar os feitos, as contribuições, todas as realizações, as conexões, fazer análise crítica do campo, em caráter analítico, descritivo, quantitativo e qualitativo, com revisão ortográfica e gramatical, impressa em formato A4, em ambas as faces da folha...

Acho que você está bem distante disso. Nem fatos marcantes, nem méritos acadêmicos... onde pensa em chegar? Escreve logo o que querem que você escreva, termina logo com isso, vai acabar se dando mal com essa mania de polemizar as coisas simples, determinadas. Sai daí e vai terminar essa tarefa.

Mas veja... eu estudo há anos, aliás, desde essa época e até antes, justamente as mazelas de uma lógica representacionista, identificatória, uma lógica que representa o ser humano o conectando com seus papéis sociais, com sua responsabilidade técnica. Além disso, a força política da alteridade é destruída, amortizada, nessa escrita auto-louvatória, estou com um problema ético de base, não tenho como começar assim. Agora há pouco escutando Bakhtin e Borges encontrei uma pista quente,

que já disse, mas agora você me desanimou novamente. Já te falei da papelada? Vinte e dois anos de coisas ditas, escritas e feitas. Cada um dos papéis, uma história de relações, de encontros, de formação, de aprendizagens e ensinamentos, de crescimentos, de tristezas e alegrias, de prédios construídos e ideologias destruídas, e vice-versa, penso sinceramente que a tarefa talvez possa ser impossível (e ainda agora com essa barriga!). Mas entendo, é justamente aqui que devo estar, foi nesse ano de 1995, com essa filha quase nascida, que começou minha carreira acadêmica. Eu já era professora fazia quinze anos, já tinha passado por muitas escolas, alfabetizado muitas crianças, arranjado muita briga na faculdade de Pedagogia da Universidade Católica de Petrópolis, onde estudei. E um dia uma amiga me diz: vamos fazer Mestrado na UFF! Eu fui para acompanhá-la, eu passei e ela não naquele ano, eu prossegui e não saí mais dali. Agora são vinte e cinco anos em que passo através desse portal, de três a quatro vezes por semana e até aos sábados.

E já estudava Bakhtin nessa época, me lembro bem.

Eu comecei a estudar Bakhtin ainda em 1995, no grupo de pesquisas de Regina Leite Garcia, líamos Volóchinov pensando que era Bakhtin (na época a obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* fora traduzida com a autoria conferida a Bakhtin). Demorei mais quinze anos para ler *Para uma filosofia do ato responsável*, mas naquele momento já estava claro para mim que a filosofia da linguagem que Bakhtin e seu Círculo criaram modificavam as visões que eu teria da pesquisa, do ensino da linguagem, da vida. Como uma professora alfabetizadora que era – e nunca deixei de ser – a linguagem como discurso, encarnado em uma voz que, ademais, possuía valor ideológico, era uma teoria revolucionária. Eu queria sempre

mais e mais disso. Minha dissertação, na época, era uma luta contra a lógica subjacente nas teorias e práticas, principalmente ligadas aos discursos psicológicos na educação, que relegava aos sujeitos e povos de tradições de linguagens e textos orais, o lugar do *não* – não-alfabetizados, não-desenvolvidos, não-rationais. Apesar de ser parte da luta política pela escolarização de todos, essa sempre teve – e ainda tem – como marca constitutiva a afirmação da superioridade da cultura escrita, das culturas que possuem a escrita e suas formas tecnológicas, com a consequente desvalorização das culturas que fazem uso de outras linguagens como formas de enunciar as suas vidas e relações. Especificamente eu busquei mostrar, na pesquisa do Mestrado, sob orientação da professora Dominique Colinvaux, que pessoas não alfabetizadas possuíam formas de dizer, pensar e fazer tão desenvolvidas e incomparáveis às formas das culturas escriturísticas, ou *letradas*, como afirmaria a professora Leda Tfouni (muito antes de todo mundo). Fiz muitas coisas com Dominique – a orientadora, não a filha a nascer, embora que com essa também e mais – até o ano em que essa se aposentou para ser artista plástica. Uma linha de fuga que observo atentamente, a propósito.

Já aprendeu a organizar seus documentos? Me lembro de lhe dizer em duas situações diferentes que era um defeito seu não o fazer bem.

Acho até que já aprendi, mas os documentos catalogados me assustam, produzem um ser amorfo, um tipo de Golem, não consigo me ver ali, neles. Sei que é da obrigação da tarefa, sei fazer e o farei, mas não posso enunciar um memorial seguindo suas linhas perpendiculares. O perigo é claro, e é o de produzir uma identidade vitoriosa, pior ainda, acabada. O problema é

esse, o mesmo que Bakhtin e Medviédev se debruçaram, ou seja, as condições de um acabamento escriturístico, portanto ético-estético, que não acabe e mortifique aquela vida humana, em formas que conhecemos bem. O acabamento, ademais, precisa comportar necessariamente alteridade, sob a pena de não passar de uma confissão monológica, ou um manifesto auto-proclamado, nesse caso. Preciso organizar os documentos e preciso construir esse memorial. Mas precisam ser duas coisas diferentes.

Engraçado você dizer isso, já que foi você mesma quem traduziu (por encantamento seu, presumo) o texto em que o professor Ponzio distingue memória do recordar. Me parece que uma organização categorial dos documentos e a memória justamente são correlatas e codependentes. Há uma tarefa ainda, a realizar, que é a de compreender o sentido nessa ordenação exigida.

Parece que só me afundo nos problemas. É verdade, traduzi esse texto de Augusto Ponzio (2020, p. 277-289) porque me impactei com suas provocações. O professor Ponzio distingue a memória do recordar, traçando as pertencas ideológicas de ambas. Para ele, a memória é pura sincronia e consciência, está do lado do produto, de seus valores de uso e troca, além de trançar fundamentalmente sujeito e poder. Está ligada à ordem do discurso, às ontologias, à história e à totalidade. Pressupõe unitariedade e coerência no discurso, que ademais deve seguir sequência orientada segundo um projeto, que será sua finalização. É funcional à constituição da perspectiva, do ponto de partida, da posição e da ótica (p. 282), é a “retenção na base da qual se orienta a protensão da consciência”, constituindo assim o sujeito unitário. Unifica várias vivências, as atribuindo a um único sujeito, a partir dessa única estrutura narrativa. A memória, para Ponzio,

representa o monologismo do sujeito unitário, que faz parte de uma estrutura narrativa com visão totalizante, predisposto em direção à conclusão (p. 283). São tantas as conexões da memória com as lógicas separatistas, auto-justificativas, interrogatórias, totalizantes, monumentais, que precisamos profundamente questionar sua utilização e validação. Um memorial pode ser ligado ao recordar, e não à memória?

Não sei, deixe-me ver, quais seriam as qualidades do recordar, em confronto com essas temerárias da memória?

O recordar está ligado à distração, à deriva e à divagação. Evoca mais o que é infuncional ou o que não interessa ou serve à uma ordem totalizante, porque é inconcludente, tem buracos na sua continuidade, enganos na coerência – diferente da mentira da totalização unitária da memória – nutre-se das epifanias e necessita das ausências, ausências de coisas e de vivências. É do lado do amor e não se ilude com a presença inventada pela memória, ao contrário, assume a alteridade enquanto sentir duplo, e enquanto o caráter iminentemente artístico e estético da obra, arriscando-se a chegar a um destino estranho do autor que o produziu. Principalmente, o recordar vem dos outros e expõe o seu autor à nua relação com a alteridade do mundo. Abre mão do controle e surpreende, pois é o corpo de quem recorda que recebe a provocação dos outros. Dos outros vem ao sujeito o seu recordar, e esse o obriga, mais das vezes, a reescrever-se (idem, p. 286). Também de Borges vem o poema da ausência-em-presença, fundamento do amor: estás aqui, mas já sinto sua falta, a ausência já na presença:

NOSTALGIA DO PRESENTE

Naquele preciso momento o homem disse a si próprio:

O que eu não daria para estar
ao teu lado na Islândia
sob o grande dia imóvel
e de partilhar o agora
como se partilha a música
ou o sabor de uma fruta.
Naquele preciso momento
o homem estava junto a ela na Islândia.
[Jorge Luis Borges, *Poesía Completa*, Lumen, Barcelona,
2011.]

*É perigoso. Mas parece-me que estou do lado do
recordar.*

Também eu. Há vidas e relações nesses papéis. Não são perfiláveis como um projeto que de partida eu saberia ou se dirigiria para o ponto de chegada. Me agradaria escrever a história desses enormes enganos que me trouxeram até aqui – ou até lá, já que estou aparentemente em 1995. Ano que marcou o início de um desvio, sem dúvida. Mas foi um acaso seguido de tantos outros acasos. Acontecimentos. Bakhtin escreveu: o mundo como acontecimento. Wanderley escreveu: a aula como acontecimento. Posso escrever uma carreira como uma série de acontecimentos?

*Não consigo imaginar como o faria. Mas não consigo
imaginar como não o fazer. A menos que se assuma a
memória e suas ataduras e conexões, o que parece que não o
fará.*

A memória está do lado dos produtos, e todo o tempo quer fazer coincidir a alteridade da vida com o ser individual cuja vida vem narrada por si. A memória obriga ao esquecimento. O primeiro esquecimento é o de que não

estávamos sós no acontecimento da vida, e por certo nem éramos os protagonistas das cenas lembradas. Reevocar as relações, os envolvimento com os outros, talvez possa ser um modo de resistir ao esquecimento, e reescrever-se e rever-se nas provocações que têm origem no outro. Mas também não adianta esse movimento se a escritura desse ato se torna, ela mesma, transcrição. É preciso um outro movimento, no ato de recordar e na sua escritura, só me ocorre o que Bakhtin disse sobre a responsabilidade: conhecer algo é tomar posição frente a esse algo, é assumir meu dever intransferível em relação a ele. Não são produtos, o que naqueles papéis se escreveu. Porque me aconteceram, eu me recordo. Preciso ler cada um, acariciar a digressão e recordação que me acenam, reevocar e escutar as pessoas que viveram comigo aqueles acontecimentos e tomar posição, assumir meu dever em relação a eles.

Em relação à sua vida, você diz?

Em relação.

Em relação.

(...)

De repente um som alto me sobressalta. Não sei se o desabar da pilha de papéis, ou talvez a revoada de pássaros quero-quero do Gragoatá, estou de volta em minha cama, ainda rodeada de relações, de histórias, de vivências. Olho ao lado, no meu celular que finalmente alcanço, e vejo as horas: 9h57m. Como pode ter-se passado um único minuto? Não estou bem, só pode ser a tarefa me desarrumando. Vou dar um jeito nisso! Ajeito as primeiras folhas e começo a leitura. Como Barthes recomendou: levantando a cabeça, digredindo, evocando outros contextos, recordando.

CARTA: o mestre e o abismo

Marisol,
como diz a minha amiga Gorda, que é
professora, o que me preocupa não são os defeitos:
São as qualidades dos alunos. Você tem qualidades podiosas,
por isso mesmo mais preocupantes. Por exemplo: essa qualidade
de ter muito a dizer, que se transforma numa força incontrolável
e resulta num texto que se alonga muito além do combinado. Ou
então esse outra magnífica qualidade, que é a ousadia do pensa-
mento, que no entanto precisa ser completada com outra quali-
dade não desprezível, que é a prudência. Não posso deixar
de lhe dizer essas coisas como uma espécie de advertência;
feita a advertência, contudo, não posso deixar de lhe
dar a nota 10 (dez). Parabéns!
Um abraço do
Leandro

8

Niterói, janeiro de 2021

Querido professor Leandro Konder,

Antes de escrever esta carta, em resposta ao teu escrito dirigido a mim em 1999, eu lia, como faço todos os dias, o perfil no Instagram de Os inumeráveis (@inumeraveismemorial). Trata-se de uma página criada por um coletivo, naquela rede social e que, em resposta a alguns governantes que se referiam aos falecimentos por

⁸ Parecer escrito pelo professor Leandro Konder, meu orientador de
lo, a um trabalho de conclusão de disciplina em Filosofia I, por
trada.

Covid-19 como números, abriram esse espaço. Todos os dias publicam o nome, a idade, o local da vida e alguma coisa que possa ser dito sobre a pessoa que faleceu, naquela data, por causa do Coronavírus. Todos os dias leio todas as postagens, honrando cada vida. “Não é um número”, termina o post, sempre. Vidas humanas narradas em suas belezas. E quanta beleza, Leandro. Quantas coisas boas se consegue dizer de todas as pessoas! Cada um, um único, uma vida única e insubstituível. Como a tua. Como sinto tua falta! Como já sentia tua falta quando estavas conosco; comigo, especialmente, fazendo questão de me trazer, você mesmo, a xícara de café que tomávamos todos os dias nos Pilotis da PUC-Rio, onde tive a honra de cursar sob tua orientação o meu Doutorado. Naquele café nós continuávamos as aulas, as orientações, as discussões e pelepas. Eu e teus orientandos, os últimos: Rita (Ribes) e Felipe (Ceppas). Já naqueles dias, como Borges na Islândia ao lado de sua amada, eu sentia tua falta. Hoje consegui nomear esse sentimento da ausência em presença: amor. Impossível não te amar, querido Leandro, com tua ironia fina e aguda, sempre afiada. Com teu olhar para o mundo comprometido com a leitura crítica e anticapitalista. Com tua visão artístico-estética no alto grau, de Rimbaud a Baudelaire, nos fazendo calar diante de tua sabedoria infinita. Diante de mim tenho uma foto, em que brincávamos de usar o seu quepe, para que seu saber viesse para nossas cabeças. Uma brincadeira tola (éramos tolas) mas que nos rendeu essas lindas fotos, com você ao lado certamente rindo de nossa ingenuidade.

Lembro-me de uma aula, especialmente, quando compreendi o sentido da generosidade de um mestre. Tuas aulas eram sempre cheias, e de estudantes de diferentes níveis, todos ávidos por te escutar. Nós, os estudantes-orientandos, nos sentíamos os tais. Em um momento, um jovem estudante de graduação te interrompeu, não me

lembro em que argumento que desenvolvias, e disse uma daquelas bobagens colossais que fazem com que todos na sala silenciassem terrificados. Todos nos voltamos a ti, esperando um golpe certo que derrubasse aquele arrogante pela raiz, mas tu disseste, em tom amoroso: “sabe, eu nunca tinha pensado dessa forma. Vou tentar elaborar um pouco a sua ideia, tentar compreendê-la, e depois conversamos mais sobre isso. Obrigada por me fazer pensar o que não sabia”. Compreendi naquele instante o significado de *humilitas*, o *humus* que fertiliza, o lugar do mestre. Compreendi para sempre que os arrogantes sempre são os que sabem bem pouco, mas sabem disso muito bem, e morrem de medo de serem desmascarados.

Tu, que nunca foste um número, não sonharias com o que agora vivemos: um governo que está tentando fazer com que se possa ter, cada um, mais de seis armas de fogo, no momento em que o inimigo comum só pode ser vencido com vacinas e políticas públicas de saúde para todos. Um momento em que precisamos ser mestres fazendo “lives” no facebook (eu me recuso, Leandro). Um tempo estranho em que ser professor é transmitir um programa que os estudantes assistem, mais das vezes de câmeras fechadas, telespectadores do ensino público na universidade pela qual lutamos. Tu, crítico arguto das tecnologias televisivas e suas armadilhas ideológicas ligadas à indústria cultural, tu que do pessimismo de Adorno e da melancolia redentora de Benjamin fizeste tua visão ético-estética irreduzível, certamente te entristecerias, ou farias excelentes zombarias. Porque, como me disseste um dia, é preciso ser muito inteligente para rir.

Um mestre é um abismo. Isso aprendi muito mais tarde, com outro grande: Blanchot. De um contexto distante ele te definiu, e dessa definição posso reinventar-me e reescrever-me como professora, também. Um mestre

é um abismo, não por si, mas em relação a um outro, que se coloca como discípulo deste. Não tenho certeza se honrei esse lugar, na época em que foste meu mestre, porque compreendo que é a escuta o dom da palavra nessa relação. Só um grande mestre generoso para apontar minha escrita prolixa e minhas afirmações sem referências como qualidades de “ter muito o que dizer” e “ousadia”. Reli o trabalho que te escrevi, com quase cem páginas e tomando a noção de “corpo” desde a Idade Média até a Modernidade. Não sei o que eu diria se estivesse em teu lugar, para uma estudante pretensiosa como aquela que eu fui, para ti. Certamente não tenho “qualidades poderosas”, como Guida ironizava, e também sei que não ocupei o melhor lugar na relação mestre-discípulo, não deixei o abismo se abrir naquele momento, certamente centrada em mim e nas minhas certezas, mas saibas que te escuto agora. Também aprendi com Blanchot que o tempo não conta na relação com o mestre, portanto aprendo uma lição disponível há vinte anos, e te digo isso com alegria.

Blanchot buscava uma palavra, a palavra do ensino, a palavra que se aprende a falar quando se escuta, e era justamente a interrupção das relações que possibilitaria sua gestação. Essa interrupção significava para ele a experiência mesma da presença do mestre, “região absolutamente estrangeira e diversa do espaço e do tempo” (Blanchot, 2015, p. 8, trad. minha). Sua presença cria a dissimetria nas relações, faz com que essas deixem de ser uniformes, como que em uma distorção que impede qualquer relação direta ou reversível. Blanchot define esse espaço interrelacional entre mestre e discípulo como uma arquetônica única na qual a distância entre mestre e discípulo não é a mesma do que a distância entre discípulo e mestre. Mais ainda, esse abismo instaura uma relação de infinitude, que será a medida de todas as distâncias e todos os tempos. Esse abismo se chama o “desconhecido”. Raras

vezes li algo mais emocionante e mais verdadeiro, que coloca em questão as tantas teorias sobre as relações entre professores e estudantes comumente estudadas na Pedagogia e no campo da Educação em geral. Mas é como se Blanchot, com um pincel muito fino, pintasse o quadro que afigura tua presença em minha vida, querido Leandro. Espero ainda ter tempo de ensinar essa lição que aprendo tardiamente contigo. Porque agora ocupo, para tantos, esse lugar da mestra – e são elas e eles que me instituem assim – e a responsabilidade que isso me traz só pode ser vivida no abismo da infinitude de que ainda disponho, em nossa relação infinita.

O que Blanchot buscava era a palavra dessa relação, uma palavra que se faz na descontinuidade da busca da continuidade: “conhecer mediante a medida do desconhecido, tender à familiaridade das coisas sem afetar a sua estranheira”. Para tal, o mestre deve ser aquele que não simplifica ou facilita esse campo relacional, mas ao contrário, o complica e dificulta os caminhos do saber, até a medida do impraticável, já que sua própria medida é o desconhecido, o indeterminável. O infinito que ele mesmo representa na distância entre ele e o discípulo, o estudante. Ser esse mestre é se tornar filósofo, amar o conhecimento enquanto desconhecido acima de tudo, uma vez que é a medida justa de todo tempo e toda distância, e com Bakhtin aprendemos que são essas as condições cronotópicas da criação e valoração de uma determinada imagem de ser humano. Sem ceder aos apelos identitários do prestígio e erudição de quem ensina, é a bondade amorosa a qualidade dessa palavra do mestre.

Não sei se aprovarias minha aproximação a ti com Blanchot a me balizar. Sua característica mais admirável sempre foi a do pensamento rigoroso, em filosofia, e tuas referências e marcos passaram por outros caminhos. Especialmente a sua forma de estudar, comprometida com

a justeza das referências, sem deixar de ter autoria crítica, seu comprometimento com a visão de mundo que elegeste como filosofia, essa eu nunca aprendi, ou no abismo entre nós, foi nossa mais marcante diferença. Diferença não ideológica, mas teórica, por certo. Jamais deixaste de buscar me compreender e incentivar, mesmo eu apresentando as características do ecletismo entre teorias, e principalmente, tendendo a uma visão marxista, como disseste tu, anexada a diálogos com Kant e Kiekegaard, da mesma forma que o jovem Lukács. Ao contrário deste, não fiz a “conversão” ao marxismo, embora me considere, eu mesma, uma pensadora que tem no marxismo a sua grande base. Só uma grande generosidade para acolher, entre seus orientandos, uma pensadora meio “frouxa”, meio indecisa, como eu ainda o sou.

Leandro, eu desejaria ter estudado mais, ter sido mais dedicada às leituras e relações, mas a vida não foi muito generosa comigo, sempre estive entre a sobrevivência e o luxo de me fazer pesquisadora. Sei que não é uma desculpa, e por saber isso me dedico agora a estudar, a compreender beleza no rigor, em honra a ti e ao campo da Educação. Mas confesso que o jovem Lukács e Bakhtin (com tudo que também este último carrega consigo de referências dialógicas com Kant e Kiekegaard) me fascinam.

As lições da docência e da pesquisa que vivi contigo percorro ainda, tentando compreender a mim mesma na distância que faço criar, dissimétrica e amorosa, filiada ao desconhecido e ao infinito, com aqueles que me elegem sua mestra. Assim foi o que houve, naqueles anos em que nos relacionamos: aos poucos esse abismo também foi se tornando outros abismos, e sem que eu mesma me desse conta, de discípula (um tanto quanto surda) fui me tornando mestra. Como foram intensos os anos em que nossa relação aconteceu. Desde 1998 até 2004 um

turbilhão de eventos se configurou, modificando radicalmente minha posição no mundo. Nem bem conseguimos nos fundar pesquisadores, e já a universidade, como espaço de trabalho nos ocupa com tarefas de ensino, de pesquisa, de resposta social, mas também tarefas administrativas, mortificadoras muitas vezes. Disso morrerei mais tarde.

Em 1998 fui contratada como professora universitária, em duas universidades. No mesmo ano em que te conheci e passei a frequentar todos os teus cursos de filosofia; aprendíamos, coletivamente, a filosofar contigo. Não te conhecia, antes, eu vinha de outro campo do saber, e posso contar aqui nessa carta que foste tu a me escolher como orientanda. Meu susto foi muito grande, até hoje fico impactada com aquela escolha e com sua razão. Justamente eu, eu que não conseguia almoçar todos os dias no Rio de Janeiro, porque mesmo com as jornadas de trabalho pesadas, todo o dinheiro ficava em casa, com os quatro filhos adolescendo. Eu que lia os textos e fazia os trabalhos na madrugada, mesmo tendo que acordar às 6h para trabalhar nas duas universidades. Eu que não tinha a menor ideia quem fossem todos aqueles filósofos que estudaram lógica e epistemologia, e que tu pressupunhas que eu soubesse na ponta da língua. Estudei para ti, querido, para que nunca te envergonhasses de mim. Isso, porém, não posso garantir, ao que peço desculpas. Cursei basicamente no Doutorado as tuas disciplinas e as da professora Vera Candau, na época pesquisando o Multiculturalismo na Educação. Essas marcas de diálogos foram profundas na minha vida de professora e pesquisadora.

Não sei se sabes que em 1998 iniciei os trabalhos nas duas universidades: Universidade Católica de Petrópolis e FESO – Fundação Educacional Serra dos Órgãos, lecionando disciplinas para os cursos de Pedagogia, até o

meu ingresso e posse na UFF, em 2004, um ano depois do término do curso de Doutorado. Ao mesmo tempo, mantinha os trabalhos nas redes municipal e estadual de Petrópolis, lecionando para o Curso Normal médio e, durante os anos de 2001 e 2002, trabalhei na Secretaria de Educação de Petrópolis, coordenando a passagem das Creches municipais para a Educação. Disso não tenho comprovantes, mas aconteceu: mais de cinquenta Creches que pertenciam à Secretaria de Apoio Comunitário fizeram sua passagem e sua formação para a Secretaria de Educação. Acompanhei cada uma, juntamente com uma equipe – Sandrinha, Dedê e Valéria⁹ – se fizemos um serviço ou um desserviço, não sei totalmente. Leandro, as Creches comunitárias possuíam formas de pensar a educação das crianças que não podiam ser extintas. Não sei se o foram, espero que não. Também brigamos para que todas as profissionais pudessem ter direito aos incentivos do Fundef, na época, que pagou as formações universitárias das professoras. Conseguimos para duas turmas, mas na terceira o Ministério Público cortou a verba. Mas lutamos, abrimos novas instituições de Educação Infantil, equipamos as existentes, foi um período de muitas lágrimas e muitas alegrias. Depois dessa gestão, exonerei-me da Prefeitura Municipal de Petrópolis, depois de vinte anos de trabalho, alfabetizando na maioria dos anos os filhos e filhas das classes populares. Foram milhares de crianças que aprenderam a ler e escrever comigo, ou eu com elas, não estou segura. Cada uma delas guardo no coração e na mente, estão comigo em cada pesquisa, texto e ato que realizo: adquiri com o tempo ou com alguma

⁹ Sandra Bortolotti, Adriane Loureiro e Valéria Albuquerque, que juntamente comigo compúnhamos a equipe da Educação Infantil da Secretaria de Educação do Município de Petrópolis, entre os anos de 2001 e 2004.

magia de origem desconhecida o talento de me lembrar do nome das pessoas, posso contar a ti que sei o nome e me lembro da letra de cada um e de cada uma. Por que me lembro justamente da letra e do nome? Será que para mim resta a face escriturística das pessoas? Será possível essa relação? Minha distância e meu abismo seriam escritura?

Esses anos em que estive presente nessa imensidão de frentes de trabalho e estudo foram meus primeiros anos de participações em eventos acadêmicos e científicos, locais, nacionais e internacionais. Foi a Universidade Católica de Petrópolis que me lançou na vida universitária com vigor. Percorri a leitura dos documentos desses anos, e foi nessa Universidade que aprendi a ser professora dos cursos de graduação e pós-graduação. Não tenho como te contar todas as pessoas que conheci, nesses sete anos de trabalho, foram incontáveis, mas me recordo da força política com que agíamos conjuntamente. Foram os anos em que trabalhei e estudei com meus dois grandes amigos e companheiros, Mailsa e Beto¹⁰. Conheceste ambos, e até pensaste que Beto era meu marido, tamanha a nossa proximidade na época. Nos fizemos professores universitários juntos, um grupo de três amigos para sempre. Alguns estudantes dessa época estão até hoje comigo, nos grupos e trabalhos que faço. Quero destacar Fernanda e Reinaldo, que foram estudantes das primeiras turmas de Pedagogia na UCP, e que até hoje estão comigo no Grupo Atos: uma vida não pacífica, mas dissimetricamente companheira.

Na UCP também tive minhas primeiras orientações de Mestrado, uma experiência gigante: foram ao todo oito

¹⁰ Mailsa Carla Pinto Passos, atualmente professora no Proped UERJ, e Carlos Roberto de Carvalho, atualmente professor no PPGE da UFRJ. A este último devo tudo isso, já que me impediu (de fato) de correr para fora da sala no dia da prova didática do meu concurso na UFF.

mestrandos, e falar deles assim sem dizer seus nomes é uma grande ausência. Veco (Helvécio), Jane, Claudia, Rosana, Juceme, Renata, Luiz e Fabiana¹¹. Essa última, atual coordenadora do programa de pós-graduação em Educação da UCP. Uma mestra e tanto, a quem eu chamava de “ratinho”; também ela deve sofrer dessas minhas dores de abismo.

Ao ler os trabalhos que apresentei nos congressos e os artigos que foram publicados no período, Leandro, compreendi um pouco porque eu não te escutava plenamente. Ainda muito encharcada das referências dos estudos e pesquisas da área da Psicologia do Desenvolvimento, era essa minha atmosfera. Cursei Pedagogia em uma época em que chamávamos a Psicologia da “rainha das ciências da Educação”. Cursei nada menos que treze disciplinas que tinham o nome Psicologia no título, fora as demais de avaliação psicológica. Minha formação deu-se, primordialmente, pensando as relações pedagógicas sob o viés da Psicologia. Por isso não foi surpresa que, à pergunta “por que algumas crianças não aprendem a ler e escrever?” eu buscasse socorro na literatura psicológica. Mas a tua presença na minha formação fez uma distorção irreversível, não tanta quanto eu podia dar conta na época, mas uma interrupção que fez coro com os estudos decoloniais que vivi no grupo da professora Regina Leite Garcia, e com a perspectiva histórico-cultural trazida pela professora Vera Vasconcellos. Essa visão crítica e marxista tomou forma, na minha pesquisa e de modo irreversível, nos estudos bakhtinianos, incrementados a partir do ano de 2010.

¹¹ Helvécio Savedra Serpa, Jane do Carmo Machado, Claudia Regina Sell de Miranda, Rosana Pinto Plasa, Renata Tardelli, Francisco Juceme Rodrigues, Luís Augusto Mattos Mendes e Fabiana Eckhardt.

Há pouco tempo um professor com quem tive contato na UFF, César Kiraly, filósofo também como tu, me convidou a ler com ele Lukács, segundo ele o filósofo de sua afeição que mais dialogaria com a perspectiva bakhtiniana. Tenho lido Lukács, querido Leandro, com vinte anos de distância de teus escritos e de tuas recomendações. Parece que na distância entre mestre e discípulo, na época do meu doutorado, eu estava a anos-luz de tua compreensão. Ainda estou, mas lendo Lukács e sentindo tuas palavras chegarem a mim, como pássaros que pousam lentamente, vindos de uma longa espera. O tempo, na palavra do mestre, tem a medida do infinito, Blanchot bem o sabia.

A Psicologia presente na minha perspectiva era permanentemente questionada, provocada, confrontada. Até que foi gradativamente perdendo centralidade, pelos anos 2010. Mas, naquele momento, até mesmo a psicologia histórico-cultural soviética foi bombardeada por minhas pesquisas: as perspectivas não ajudavam, na minha leitura à época, a compreender como a leitura, a literatura, a cultura escrita de modo geral, poderiam ser socializadas democraticamente no Brasil, nas escolas públicas. Foi essa minha vivência que possivelmente me rendeu a fluência necessária para ser aprovada no concurso público para professora de Psicologia da Educação, na UFF, cargo que exerço até hoje. De minhas vivências como professora de Psicologia contarei depois, é motivo de muita alegria na minha vida essa formação de professoras e professores.

Assim, querido Leandro, que entre as ações na Educação Infantil, a vida universitária inicial (que chegou a configurar-se como coordenação de cursos) e a conclusão do Doutorado, estive a teu lado me formando, eu mesma, professora universitária. Essa é a função, a profissão, o cargo e posição acadêmica. Mas ser mestra é outra coisa, é da ordem da relação única e insubstituível, irrepetível e

intransferível, entre dois. Interrelação que cria uma palavra de tipo único, a qual Blanchot perseguiu em sua obra. Dadas as correlações que ele faz, parece que também essa escrita/palavra/escuta da relação mestre-discípulo tem as qualidades das palavras literárias. Também tenho pensado nessas relações, e percebo que não são necessariamente fixos esses dois lugares de ato responsável, entre dois seres humanos em relação. Assim que por vezes se colocam como mestres aqueles que aprendem, como bem disse Paulo Freire. Mas ser discípulo exige uma disposição à escuta daquele que aprende a palavra. A relação de infinitude pode ser recusada, percebida de modo superficial ou como papel social/profissional apenas, ou pode ser assumida como valor pessoal de quem ensina. Deve ser, a meu ver, o amor ao desconhecido, como infinitude aberta, o que rege a responsabilidade do mestre. Aqui Blanchot se encontra com Bakhtin, que afirma que é o humano esse infinito. O mestre é um outro, uma alteridade infinita, um ponto de distorção da linearidade do eu, um abismo do desconhecido.

A tese de Doutorado que apresentei teve a professora Vera Candau como presidente da banca. Me demorei pensando muito nesse fato, por que não foste tu o presidente? Talvez temesse pelas minhas “qualidades” potentes. Na tese que era tua cópia, me lembro bem, desenhavas durante a banca, e no fim, me mostraste: uma Marisol na sala de aula, com a varinha em riste, e sentados assustados nas carteiras, Marx, Hegel, Kant. Um modo amoroso de me desaprovar: não deixei de ser pretenciosa, pelo visto, até o fim, segundo meu entendimento da tua ironia. Mas deu tudo certo, a tese foi aprovada e me trouxe muitas alegrias e publicações, na época. Anos depois ainda eram aqueles textos que guiavam minha palavra acadêmica. Leandro, tu e Vera foram as grandes presenças de mestres no meu tempo de formação como professora

pesquisadora em nível superior, no doutorado. Dois mestres da estatura da distância infinita, que abriram para mim um campo que ainda percorro. Durante todo o processo, não larguei as mãos de Dominique Colinvaux, que juntamente com Vera Vasconcellos me ajudaram a pensar o campo de problemas que a Educação das crianças – Infantil ou no Ensino Fundamental – sempre me tomou a atenção. Em 2003 eu terminei, portanto, a tese contigo, e nela afirmei a multiplicidade das formas da racionalidade humana, pensando nas espacialidades e cartografias infantis. Uma tese diferente das premissas de base do teu pensamento, entretanto.

Mas, mesmo ali, eu ainda não tinha compreendido que a linguagem era o grande presente, tomada de modo indireto até então. Os conceitos de linguagem com que compunha minhas compreensões eram limitados pela ausência da escuta do que sempre me disseste: as respostas sincrônicas dos seres humanos no mundo, em relação, se dão historicamente, diacronicamente nos gêneros. Querias que eu pensasse os movimentos na sua dimensão filosófica, epistemológica, iminentemente política e ideológica, mas principalmente estética: fui até um certo ponto. Mas não desperdicei a experiência, ao contrário a retomei ao longo dos anos de minha vida acadêmica. Quando percebo que as discussões bakhtinianas e as discussões do jovem Lukács convergem nesse ponto, me recolho um pouco, pois ali diante de mim, há tantos anos atrás, estavam chaves que eu não tive possibilidades de enxergar. Me desculpo, mestre, pela surdez, fruto de provável arrogância, talvez só agora eu tenha as possibilidades de visão, talvez.

O ano de 2004 marcou tanto o enorme tamanho de trabalho que assumi, nas duas universidades (uma olhadinha nas ações catalogadas dá uma mostra do que se registrou, fora toda a energia que não cabe no papel), mas

também uma ruptura, uma queda e o fim de uma era. Nos separamos também nós dois por ali, naquele ano de 2004. Eu deixei a PUC-Rio, também deixei meus empregos, e com isso me afastei de tantos trabalhos e relações. Levando comigo apenas as orientações de Mestrado que tinha na UCP e que ainda estavam inacabadas, adentrei novamente o portal da UFF, mas dessa vez, querido Leandro, pedi o crachá verde: professora da UFF! Outro turbilhão de acontecimentos me tomou, mas congelo aqui aquele instante, para poder me sentar uma outra vez contigo, em algum “pilotis” de algum lugar, e tomar um café, te contando meus caminhos e descaminhos, respirando com alegria esse ar que sopra, certamente do sul. Estive contigo, querido, foste e sempre serás meu mestre, meu primeiro grande abismo, a medida dissimétrica e curva de todas as outras medidas de distâncias, de tempos, de valores. Uma honra e um privilégio, que seguirei ostentando com um pouco de susto, um bocado de arrependimento, um cadinho de tristeza e um montão de orgulho.

Com todo o meu amor e com todo o infinito que criaste em mim,

Marisol Barenco de Mello

ENCÔMIO E DEFESA DO CONDENADO¹²: Morte e renascimento na UFF

O que pode um ser humano ser para outro ser humano? (...) Na morte – na morte de outrem – mostra-se talvez claramente, com uma intensidade superior à da força com que os sonhos poderiam obscurecê-lo, o grande problema da existência dos homens na relação de uns com os outros: o que um ser humano pode significar na vida de outro ser humano. A morte (...) talvez seja apenas um símbolo do ficar sozinho (Lukács apud Konder, 1980, p. 21).

O trágico, lugar de paixão teórica do jovem Lukács, ocupa centro em sua obra *A alma e as formas*, de 1911 (Lukács, 2017). Na defesa do drama, e do drama trágico de Paul Ernst, Lukács define a vida: “Vida: poder viver algo até o fim. A vida: nada é completamente vivido até o fim” (idem, p. 218). Em uma banca de doutorado, o professor Kiraly, profundo leitor de Lukács, diz (na verdade isso foi o

¹² Duas das primeiras formações discursivas biográficas e autobiográficas europeias antigas, que Bakhtin relaciona à linha genérica do romance, têm ambas uma relação direta com a morte. Bakhtin retoma dois tipos de discursos que, configurando-se eles mesmos em gêneros, são narrativas antigas, que são descritas por Bakhtin como autobiografia e biografia do tipo retóricas. Em sua base está o discurso civil, fúnebre e laudatório, *enkomion*, que originaria também a primeira autobiografia antiga, que seria o discurso de defesa de Sócrates (Bakhtin, 2011, p. 251). A grande diferença entre essas formas e as nossas contemporâneas seria a perda do caráter político do acontecimento público, na praça pública antiga. Eram, segundo Bakhtin, “atos verbais cívico-políticos, de glorificação ou de autojustificação públicas”. Foi na praça pública (*ágora*) que “surgiu e tomou forma a consciência autobiográfica e biográfica do homem e da sua vida na Antiguidade clássica” (idem). Ligadas ambas à morte, o discurso fúnebre encômio e a defesa do condenado serão aqui atualizadas livremente para afigurar o período de minha carreira entre 2004 e 2010, os primeiros anos na UFF, onde narro figurativamente os anos de minha morte e renascimento enquanto profissional no ensino público superior.

que eu escutei): a profissão do professor é *trágica*. Tudo que se produz, vira pó no final das contas. Todos os dias retorna-se à casa com as mãos vazias. É preciso uma forte ironia para vencer essa força opressora desses deuses que nos tornam pó cotidianamente. Isso foi o que escutei, e que deixei se demorar em meu pensamento, uma vez que em poucos momentos minha vida foi descrita de modo pungente, até ferir e sangrar essa melancolia que, tendo nome, ganhou vida. Professo a profissão trágica da professora, aquela que nada retém de material de sua produção, que morre e volta ao pó a cada dia.

Verdade que as compilações de ditos e feitos podem tentar substituir a força material do trabalho do professor, mas são produtos, tão indiretos quanto abstratos. Aquilo que se quer que seja descrito como o produtivo da profissão docente (publicações, cursos, disciplinas, certificações) não toma o lugar que ocuparia o objeto material ou imaterial do trabalho, mas são unicamente representações desse. Justamente por esse movimento de troca entre a vida do trabalho docente e esse “dinheiro” acumulado (ou não) é que o trágico se instaura, pois que, sem o produto valorado das relações vivas do trabalho, que é a transformação mesma do mundo e de si, morre-se cotidianamente, de separação. A vida dos outros que se transformam nessas relações, por outro lado, não podem tornarem-se, elas mesmas, produtos, em nenhum sentido. Antecipando esse conteúdo ético é que nem mesmo os maiores representantes do pensamento produtivista ousam afirmar que pessoas formadas seriam produtos (escrevi e duvidei do escrito). E, no lugar disso, colocam os créditos escolares e certificados, as pontuações por produção, desde que acompanhadas da mercadoria em questão (as provas documentais). Mais uma vez: não é isso que restituiria o valor do trabalho docente, valor assimilável ao valor da própria formação histórica humana,

ao movimento da própria vida humana na cultura. Assim, em um mundo em que os valores do grande tempo, por não serem mensuráveis, não ganham existência, tragicamente vemos tudo virar pó, ao retornar para casa de mãos vazias.

Mas pode ser pior; às vezes, morremos ao quadrado. Em alguns momentos de nossas vidas, as forças trágicas que poderiam ser elevadas pelas forças do amor e do riso (Bakhtin) cessam, se exaurem, simplesmente somem. Parece que é a vida a que se referia Lukács, aquela onde nada é vivido até o fim, mas, também, onde nos perdemos nas suas flutuações e ilusões, ou nos estados perversos das relações de divisões e separações hierárquicas, opressivas, das culturas oficiais, ou seja, o cotidiano em sua face terrível, e essa vida é o que se perde. E aqui a morte pode não ser símbolo da coletividade humana, o que conferiria sentido à existência dos homens em relação, mas puramente solidão.

Assim morri, da morte solidão, separação por fórceps do valor do trabalho, nos idos entre 2004 e 2010. Mas não morri de logo, pois que houve um longo processo de condenação, em que tive também direito à defesa. Minha morte era certa aos algozes e observadores, tanto que providenciaram os serviços fúnebres. Essa história que conto a seguir percorre, com relativa veracidade, esse drama trágico.

Marisol¹³: [1] Não tomeis esse discurso como um panegírico de mim mesma, é apenas um discurso de defesa, mal colocado genericamente, mas que, como tenho direito, o farei. Buscai lembrar dos meus dias de alegria, e assim certamente não me querereis mal, como parece que assim

¹³ Utilizo aqui o formato das traduções dos panegíricos de Isócrates, para aproximar-me da forma estética dos discursos de defesa antigos, ainda que o próprio discurso de defesa deste autor tenha sido perdido.

a tantos compraz. [2] O fato é que sonhei em ir à UFF como professora, mais especificamente à Faculdade de Educação, lugar onde me formei e onde, no que me lembrasse, vivi momentos gloriosos. [3] Revendo apressadamente, talvez nem fossem tão gloriosos assim, já que era momento de duras penas de trabalho e cuidados da família, litígios matrimoniais e extensíssima ignorância dos livros doutos que justamente vós nos impingíeis, desde sempre. Não foram gloriosos, certamente, mas vivi aqueles dias com a maior dignidade possível, dadas as condições. [4] Porque a um clérigo é dado a alcova e a biblioteca, mas a uma mulher do vulgo, o direito de estudar em livros alheios depois da louça estar arrumada. Isso vos digo à cara: lavei torres de pratos e li outras de livros alheios, a maioria de minha orientadora generosa. [5] Eis que da jornada longa passo por anos de estudo e formação filosófica, outros desafios e percalços, e aqui chego, propondo minha candidatura para ser uma de vós e, surpresa, sou aceita com louvor. Deveria bastar esse momento, ao menos bastaria para alguns outros, mas não! Imediatamente me engoliu algo que descrevo postumamente, daqui da beira da última tábua, como a incessante pena que se deve pagar por ser uma de vós. E foi minha recusa de assim ser que me trouxe a essa morte que agora enfrento, mas não sem antes vos dizer: não serei eu a morrer; matais as belezas do trabalho, com golpes burocráticos. A alegria, essa é eliminada no portal de entrada, das vontades de viver, só as legalizadas são permitidas; não creio na vossa face, e isso não me salvará, que seja! [6] Assim que adentrei esse portal enfrentei anos de aborrecimento, em que me fizeram ser professora de turmas com mais de cem estudantes cada, que só não me fizeram mal porque desse golpe fizemos nós saraus e concertos musicais e poéticos, por pura vontade de abafar com nossos cantos as vossas aulas chatolas. Semestre após

semestre, centenas de estudantes de cursos variados em salas que mal acomodavam a metade desses. Semestre após semestre, inumeráveis estudantes estiveram comigo, e isso não me desgostou: aprendi a ser essa outra professora, a das turmas cheias e pulsantes, multivariadas. Algum deus bondoso fez os estudantes, em uma gênese qualquer que pudesse explicar criacionistamente a universidade. Mas o diabo fez os colegas. [7] Se pudséssemos ao menos aproveitar a quantidade de horas que perdi em infinitas reuniões, em que o tema principal dos incansáveis oradores era “eu, eu mesmo e meus feitos”, daria para tirar um brevê de voo. O horror do mau uso dos espaços colegiados foi tomando conta de mim, principalmente porque tornaram-me chefe do Departamento de Fundamentos Pedagógicos no meu segundo ano de ingresso, bem como coordenadora de cursos de Pós-graduação Lato Sensu, coordenadora do sistema de Monitoria interno ao departamento, bem como orientadora principal de dezenas de monografias de diversos cursos, principalmente Pedagogia e Ciências Biológicas. Todas essas atividades exigiam, além delas mesmas, reuniões deliberativas de horas e horas, em que sentia minha alegria escorrer pelos poros. Há uma foto, que não me atreveria a vos mostrar, mas seria a prova da tortura incessante que o administrativo mau utilizado me causava: eu presidia uma reunião com a testa pousada na mesa, já antecipando corporalmente a minha morte futura. Algum amigo trocista me fez a foto e enviou, fornecendo a medida do meu desespero. [8] Não me entendais mal: sou ferrenha defensora dos espaços democráticos. Uma luta pela manutenção dos lugares de diálogo, debate, conversas e acordos, em favor do que seja bem público. Mesmo as aulas na graduação eu as chamava, oficialmente, Rodas de Conversas em Psicologia e Educação. Mas, quando foi que um espírito perdido, uma alma penada de

algum sofista autocentrado invadiu esses espaços, com suas infinitas auto-loas? [9] Daqui já entendeis que um golpe se abateu sobre mim, colonizando todo meu tempo, me tirando violentamente das possibilidades de leitura e estudo; pesquisa, nem pensar. Uma cascata de tarefas fazia com que se acumulassem as dívidas, e pensei em desistir. Mas nesse momento nem estava proferido ainda o golpe fatal. [10] Em um dia que teve a duração de uma semana, em que relatava atividades de pesquisa de nada menos que três grupos (Grupalfa, Numpeec e Socialização)¹⁴, decidi que era melhor a morte. Acontece que esses grupos e seus trabalhos acabaram me levando, não me perguntem por que, para a participação, da qual relutei por muitos anos, no Programa de Pós-graduação – Mestrado e depois Doutorado em Educação. Não esqueçais que, à época do ingresso na UFF, ainda orientava seis mestrados da Universidade Católica de Petrópolis. [11] Não é a quantidade de trabalho o que me aborrece, mas a esterilidade dos projetos formativos, ignorada pelo coletivo e associada à hipocrisia das relações entre os colegas. Aqui nesse ponto já estava mesmo com a cabeça pendurada na corda, daí que perdi a trava na língua. Não consegui estabelecer, nem minimamente, relações amorosas, companheiras ou parceiras, só assisti o desfile

¹⁴ Grupalfa – Grupo de Pesquisa Alfabetização das Crianças das Classes Populares, sob a coordenação da Profa. Dra. Regina Leite Garcia. Entre 2004 e 2011 coordenei dois cursos de pos-graduação lato sensu, coordenei dois congressos internacionais, bem como participei, semanalmente, das atividades de estudo, pesquisa e orientação de estudantes. Numpeec – Núcleo Multidisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão da Creche UFF, na época sob a coordenação da Profa. Dra. Dominique Colinvaux, juntamente com a equipe gestora. Participei, entre 2004 e 2010, de dois grandes programas integrados de pesquisas. Socialização – Grupo de estudos coordenado pela Profa. Dra. Lea Paixão, que empreendeu estudos em conjunto com o professor francês Daniel Thin.

permanente de egos, de vaidades, de títulos e de atos pouco heroicos. [12] O golpe de misericórdia veio quando percebi que estava ficando ignorante. Não a ignorância necessária que exigem Maurice Blanchot e Jacques Rancière, mas aquela da estupidez, do não saber mais o que dizer ou de onde se vem. Logo eu que estudava lógicas infantis e adultas, na história da filosofia e nas relações escolares, perdi o logos, a palavra, simplesmente me percebi em branco. Daí que disse adeus a todas as relações, e me confessei publicamente detestável. O resultado foi rápido e certo: me condenaram à morte por qualquer meio que se pudesse executar. E eu preferi essa condenação à esterilidade da vida que levava. Isso eu confesso, de público, a plenos pulmões. Aqui me coloco, diante de vós, e nem posso dizer que me defenda, pois que prefiro qualquer morte a retornar aos círculos infernais nos quais vivi esses anos. [13] Porém, se algo pode ser dito que abra alguma janela nesse momento, o direi, ainda que sem saber se mereço, dado todo o mau humor e ironias com que confrontei esse ambiente, a meu ver tóxico. Conheci pessoas fundamentais, com as quais iniciei uma jornada outra na UFF. Além das centenas de estudantes, Jader, Zoia, Cecília¹⁵. Foram a guinada para fora do buraco, mas eu estava ainda sem ar, nos idos dos anos 2010. Foram essas pessoas uma boia salva-vidas, e pelo menos graças a elas a minha morte não foi por afogamento ou asfixia. [14] Assim que, diante de vós, me coloco, e a meu favor digo apenas que cheguei neste lugar público que é a UFF com o desejo profundo de transformar o mundo, militando por

¹⁵ Jader Janer Moreira Lopes, Prof. Dr. da Linha de Pesquisa Linguagem, Cultura e Processos Formativos; Profa. Dra. Zoia Prestes, que também viria a compor essa Linha, e Cecília Maria Aldigueri Goulart, Profa. Dra. nessa mesma Linha de Pesquisa, presente na minha vida desde o Mestrado, como uma palavra sempre amorosa e acolhedora.

condições mais justas de trabalho na escola pública, por um pensamento sobre as aprendizagens que incluíssem as classes populares, com o desejo de ser uma professora pesquisadora. E fui soterrada viva nas vossas relações empobrecidas pelos eus e identidades autocentradas. [15] *Não tenho no presente momento a mesma opinião que no início do discurso. Então, eu pensava que seria capaz de falar à altura dos assuntos; agora, contudo, estou aquém de sua grandiosidade, e me escaparam muitas coisas que pretendi* (Isócrates, 2014, p. 128). Que tenham bondade na vossa escuta e, que se preciso morrer, que ao menos minha vida sirva para construir um outro lugar decente neste que agora deixo. Que haja coisas maiores e mais nobres na Universidade pública.

Encomiador: – *Aqui jaz a professora Marisol Barenco! Exaltada professora das redes públicas desde...*

Marisol: – Ôu, estou aqui ainda, não morri não, que é isso?

Encomiador: – Estou treinando, soube que foi condenada e sua execução será daqui a poucos instantes (levanta a voz) *...respeitada por suas aulas na graduação e na pós-graduação, mãe digníssima de quatro filhos...*

Marisol: – Sem querer atrapalhar seu ofício, senhor... quem é o senhor?

Encomiador: – Encomiador, aquele que dirige o encômio a alguém louvável. Aqui, um discurso fúnebre. Fique feliz, pois alguém me contratou para escrever esse discurso sobre você, são tantos que morrem sem ninguém para dizer uma palavra... Nesses tempos agora, então! Foram esses seus amigos aí do Grupo Atos que me contrataram, ainda pechincharam, os malditos. Me pediram pra “encomendar” o corpo... ensinou mesmo direito a eles?

Bom, eu escrevi um discurso e tanto, não vamos desperdiçá-lo! Quer ouvir? Só não pode interferir, vai me atrapalhar, já sei tudo da sua vida.

Marisol: – Mas não é possível! Como posso escutar um discurso fúnebre sobre mim mesma se ainda estou viva? Assim está tudo bagunçado. E ainda vou escutar as mentiras e ficar calada? Preciso é ficar viva, isso sim!! Tente falar baixo, acabei de proferir minha defesa, ainda tenho coisas para viver, e de mais a mais, é muito injusto morrer agora, logo agora que cheguei nessa praia... Literalmente, sou da serra, nasci e vivi toda minha vida em Petrópolis. Quando atravesssei a baía de Guanabara pela ponte Rio-Niterói para fazer a prova de ingresso ao Mestrado, eu disse para mim mesma: quero trabalhar aqui, na praia. Nem sabia direito que não era praia isso, mas era mar, era azul, eu queria trabalhar à beira-mar. E agora que estou aqui vou morrer?

Encomiador: – Mas você mesma disse que prefere morrer, não sabe nem o que quer? Afinal, do que te acusam?

Marisol: – De perder a graça.

Encomiador: E alguém pode morrer mesmo de perder a graça. Vou colocar isso aqui no meu discurso.

Marisol: Não vai colocar nada, não haverá encômio, vou sobreviver a mais essa.

Encomiador: – *Ela, que nem nunca fora engraçada nem graciosa, vejam só: se vai tão cedo, e por perder a graça!!* – Ficou bom.

Marisol: O senhor escutou minha defesa?

Encomiador: Não, mas posso ler antes de terminar meu encômio, vá lá! Me passe esses papéis.

Marisol: Não vai ser necessário encomiar minha vida, *ano passado eu morri, mas esse ano não morro*¹⁶!!

Encomiador: Salve a todos!! Que neste ano não-sei-de-que senhor de 2010 todos se encontrem bem e em segurança, a salvo de tudo o que virá por aí. Há tanto tempo empresto minha voz a louvar os feitos desses magníficos, imperadores, poetas e heróis, há tanto que meu ofício é o mais sublime, o de criar infinitas glórias a imortais! Sim, imortais que se tornaram uma vez que discursos! Glória! Louvor! Magnificência! Verdade que essas glorificações vêm se tornando cada vez mais escassas, fazendo meus estípicos murchar a níveis intoleráveis! A ponto de que eu, o Grande Encomiador, exultante de imperadores, agora tenho aceito como panegíricos fúnebres alguns finados como banqueiros, professores, escritores e (ó aflição!) jogadores de futebol. Tantos gloriosos e agora devo encontrar palavras de louvor a esses que, sinceramente, preencheriam o encômio com duas frases. Os tempos andam difíceis, mesmo. E saibam os senhores que tão difíceis, que até mesmo um tal de João Cabral de Mello Tataraneto andou a vender as comendas de seu ilustre bisavô para um antiquário? É isso mesmo, uma vida vivida gloriosamente, um encômio autorrealizado em vida pelos feitos, eu nada teria de trabalho para glorificar, apenas descrever a vida cotidiana do poeta, mas eis que suas comendas, cristais, pratarias, estatuetas, e até mesmo livros pessoais estão todos à disposição no Antiquário do Gilberto, em São Pedro da Serra, Lumiar, Rio de Janeiro, Brasil. Eu mesmo não sendo mais homem de posses, os deixei ali, após me lamentar estupefato essas glórias objetivadas descartadas, e deixei cabisbaixo a loja,

¹⁶ Belchior, Sujeito de Sorte, 1976.

imaginando que qualquer vulgo poderia fazer metal derretido dessa vida magnífica.

Mas fazia eu o meu encômio, que escrevo sempre depois de ler algumas biografias valorosas, para tomar de mente os júbilos alheios e os ramalhear em discurso ao cliente afortunado, quando escuto a voz da condenada, primeiro ao longe, depois de perto, depois ainda por escrito. Um sentimento de viva comoção tomou conta de minhas certezas, e pela primeira vez em doze séculos, me engasguei. Que ofício esse do professor! Que condenação essa! Na minha pesquisa pela sua carreira gloriosa, encontrei tantas feitura a serem elogiadas. Miríades de crianças sendo alfabetizadas, militância nas redes de ensino, formação de professoras em tantos níveis! Mas eis que o ingresso na Universidade a consome em tantos papéis: no sentido literal e no sentido profissional. Assustou-se, a professora! E, inconformado, fui conversar com gentes outras, e vos digo, senhores, que não foi bem assim a história, mas foi só um jeito de perceber, um modo de desanimar, de perder a alma, de perder a graça. Mas nesses anos tantas coisas aconteceram! Foram anos de trabalho com formação de jovens professoras e professores, tantas gentes, tantas gerações de jovens forças, e forças artísticas, políticas, amizades e trabalho. Quantos trabalhos! Dezenas de orientações de pesquisas! Cada uma delas, um mundo de lutas a favor de uma escola pública de qualidade para todas e todos. Disciplinas na graduação, nem me atrevi a fazer as contas. Todas aquelas turmas, multiplicado por sessenta, oitenta, até cento e cinquenta estudantes. Cheias de pessoas vibrantes nas discussões sobre educação, escola e conhecimento. Eu vi as fotografias, muitas delas, de celebrações artístico-filosóficas de música, de poesia, de teatro. Muitas, incontáveis. A alegria da professora Marisol nas aulas não condiz com seu relato melancólico. Ela estudou, com

grupos de pesquisa e extensão, a obra de Brecht. Foi sua primeira pesquisa na UFF: a obra de teatro de Brecht e a educação das classes populares. Uma galera de estudantes foi para a escola, com ela, fazer teatro de Brecht com crianças. Quantas histórias, quantos textos, quantos desafios! Uma beleza que durou vários anos. No ano de 2009 o coroamento dessa alegria foi a escrita do projeto PIBID UFF, cuja inserção do curso de Pedagogia aconteceu junto com seu ingresso no programa. Essa história ela mesma vai contar, pois que o PIBID Pedagogia, que no ano de 2009/2010 iniciou com dez bolsistas e duas professoras da escola pública parceira, se desenvolveria até o futuro, chegando a agregar cinquenta e quatro bolsistas em um mesmo ano! Todos orientados por Marisol. Não estava aborrecida naqueles momentos!

O PIBID representou, na sua vida, uma guinada. Vê-se nos olhos dos estudantes e professoras com quem me informei. Representou certamente um retorno à escola pública. Ó senhores, não separais uma professora da escola pública! Nada trará de volta a beleza e força que ali se encontram. Mas é fato que nesses anos de insatisfeitas narrativas a professora nunca saíra da escola. O projeto de teatro com crianças aconteceu na escola pública – Colégio Universitário Geraldo Reis. Os três projetos de pesquisa dos quais participou, no Núcleo da Creche UFF foram realizados pelo grupo de professoras, estagiários, pesquisadores e equipe gestora na Creche UFF, pública. Também o projeto de Socialização a levou a conhecer o Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho – IEPIC, escola em que desenvolveria o projeto PIBID por mais cinco anos. Ali pesquisou com as mestrandas que acompanhou, da antiga UCP. Ali conheceu as crianças que a puxariam de volta para a escola, para a vida. E também escreveu, muito. Grande parte do que escreveu foi apresentado em congressos e eventos, muito ainda ligado aos trabalhos de doutorado e

das pesquisas acontecendo, mas houve capítulos de livros e artigos em periódicos com essa *qualis* Capes, louros de sua época. Eu mesmo li sua listagem de publicações e participações em eventos. Como fazia tudo caber no tempo? Foi chefe de departamento, simultaneamente à coordenação de cursos Lato Sensu. Coordenou o sistema de monitoria, e organizou três congressos internacionais. Me lembro bem deles, todos com centenas de participantes, congressos gigantes. Mas quero louvar seu trabalho artístico com os estudantes. Desde o teatro com as crianças e jovens licenciandos, sob as diretrizes de Bertolt Brecht, até os saraus, devemos louvar a arte! Tudo começou com a descoberta de que os estudantes das Licenciaturas possuíam diversos caminhos artísticos: pintores, músicos, artistas circenses, poetas, compositores, desenhistas, iluminadores, etc., etc. Quando um estudante de Física revelou ser o harpista da Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem, Marisol não hesitou: era preciso um recital. Foi um recital de harpa e flauta, que trouxe centenas de pessoas para a apertada sala de aula onde ocorreu o evento. Nem mesmo os gritos do professor da sala ao lado, que não conseguia dar sua aula, a desaminaram. Juntou-se com os estudantes e fez o primeiro Sarau, no mesmo ano de 2009. O primeiro de vários. Dezenas de artistas de diferentes gêneros literários, pictóricos, musicais, etc., se apresentavam sozinhos e em duplas, trios. Assim que enquanto um tocava sua flauta, outro recitava seus versos e alguém dançava, e o outro professor berrava na sala ao lado. Me vêm lágrimas aos olhos a lembrar dessas delicadezas, isso não posso deixar de louvar: jovens, arte e educação.

Escrevo este encômio na esperança de que não esteja morta, ainda, essa alegria. Que seja um encômio fúnebre a ser desperdiçado, e que se torne panegírico de uma vida qualquer. A vida de uma professora dentre tantas, que não

deveria morrer tão cedo. Um ideologema dessa personagem da vida, tantas, tantas, heroínas trágicas, humanas, excessivamente humanas, que movimentam arte, juventude, política e transformação no espaço público! Que viva!

Marisol: ...

Encomiador: O que foi, não gostou?

Marisol: Certeza que me viu na escola de novo desse lugar aí de onde olhaste?

Encomiador: Eu sozinho não, todos esses jovens e crianças estão te chamando, logo ali na frente, se apresse.

Marisol: Este ano não morro!

Encomiador:

É preciso, ó coração, colher a justa medida dos amores com a juventude.

Mas, após fitar os raios a faiscar dos olhos de Teoxeno, quem não for inundado com desejo, tem forjado de adamantino o negro coração, ou de ferro,

com fria chama, e, não sendo honrado por Afrodite de vivos olhos, ou labuta compulsivamente por dinheiro, ou com ousadia feminina é levado a servir o caminho de todo frio. mas eu, por vontade dela, derreto como a cera da sacra abelha,

picado pelo calor do sol, quando olho para a juventude dos jovens corpos dos meninos. Mas então em Tênedo, Peitó e Cárís moram no filho de Hagésilas ...¹⁷

¹⁷ Píndaro, citado por Ragusa, 2012, p. 70.

Marisol: Isso aí não escreveste para mim...

Encomiador: ...

O homem nunca experimenta a vida lá onde cessam suas flutuações: e quando nada é pleno, tudo é possível. Mas o milagre é a plenitude. Ele remove da alma toda a sua casca de ilusões, feita de instantes luminosos e estados de alma indeterminados; traçada em contornos duros e sem beleza, na nudez de sua essência, a alma encontra a verdadeira face da vida (Lukács, apud Konder, 1980, p. 219).

CONFISSÃO: monólogo sobre um renascimento

Viver juntos está entre Babel e Pentecostes. Não é fácil porque é necessário liberar-se do preconceito segundo o qual tudo seria mais fácil, tudo daria certo e tudo procederia em harmonia, se o assujeitamento que a gramática pretende realizar sobre o falar se tornasse verdade, se efetivamente existisse uma gramática universal, uma língua nacional unitária, fixa e disponível que requeresse somente o esforço de aprendê-la. Enfim, o preconceito segundo o qual Babel é uma maldição, e Pentecostes um milagre (Ponzio, 2010, p. 51).

Eu não tenho álibi para não responder. Eu não tenho álibi para não tomar posição. (...) A sua própria existência já é um ato ético; não se esconda, não tem como se esconder (Miotello, 2010, p. 328).

Sou uma pessoa afortunada. De fato, a mais afortunada das pessoas que conheço, essa sou eu. Posso até ter muitas marés baixas na vida, algumas secas inesquecíveis, muita obra de carregaço, mas tenho muita sorte. Aliás, essa me salva sempre. Digo sorte e fortuna porque certamente Deus não é, embora eu muitas vezes rezasse e as coisas dessem certo, igualzinho como pedi. Mas muitas vezes falhavam, daí que eu parei de acreditar. Verdade que tenho todos esses altares em casa, acendo velas e lamparinas, morro de medo de esquecer de fazer os serviços, mas é a sorte que me socorre, estou segura de que é a boa fortuna que sempre me salva. Uma dessas vezes foi quando fiz concurso de Mestrado para a UFF: estava à toa na vida e uma amiga me chamou. Já contei essa história. O que não contei é que essa mesma amiga, que é a Maila, um dia lá pelos idos de 2010, quando eu estava

com a cabeça na guilhotina, escutando já o refrão do encômio e vendo enferrujar o botão da camisa do carrasco (estou obviamente copiando Dostoiévski, que vergonha!), essa amiga me escreveu e disse: – Veja neste site este congresso: é a tua cara!

Não é que era mesmo? Ou muito melhor, foi a minha cara que se tornou outra a partir daquele dia, é o que parece. Primeiro achei muito estranho porque o congresso começava com um jogo: só os cem primeiros inscritos iriam participar. As inscrições começariam às 0 horas do dia 7 de setembro de 2010, e encerrariam quando o centésimo sujeito se inscrevesse. Era um evento que se chamava Círculo: Rodas de Conversa Bakhtiniana. Era a minha cara, disse Mailsa; esperei a hora certa e me inscrevi. Consegui estar entre as cem, e fui! O evento aconteceu em São Carlos, na UFSCar, justamente no dia do aniversário de Bakhtin. Devem estar se perguntando por que tantos detalhes desse evento, mas preciso dizer uma coisa: foi um dos dias mais importantes da minha vida. Sou uma pessoa difícil; afortunada, mas muito difícil. Raramente penso ser importante alguma coisa que escuto, de algum palestrante. Isso foi sempre assim, desde muito jovem: acho tudo uma chatice. Nos congressos então, sempre ganho aqueles blocos de anotação, caneta, pastinha (bem, faz muito tempo que não ganhamos nada em congressos, era coisa dos anos 2000), e eles sempre voltam pra casa em branco. Posso me gabar de nunca ter feito uma anotação sequer na maioria dos congressos e outros eventos que frequentei; como sou arrogante! Mas daí... fui a São Carlos. Já na abertura, havia uma tal Grande Roda de Conversa, a primeira, que Valdemir Miotello abriu, com sua voz de Deus. Outro Deus, não aquele primeiro, mas só a voz de trovão. Apresentou Augusto Ponzio e Carlos Alberto Faraco. Naquele dia escrevi todo o meu bloquinho e mais o bloquinho da colega do lado, que surrupiei. Guardei até

hoje esses bloquinhos, o da primeira Grande Roda e o da segunda, que foi com o professor Augusto Ponzio e João Wanderley Geraldi. Foram muitos bloquinhos, muitas anotações, muitas palavras preciosas que devorei e devolvi para o papel timbrado com o símbolo do Círculo do Gegê – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, coordenado por Miotello e Geraldi.

Na noite daquele dia, comprei e trouxe autografado o livro que estava sendo lançado pela Editora Pedro & João, *Para uma filosofia do ato responsável*, de Bakhtin. “Tem que tentar!”, Miotello escreveu naquele frontispício. No final do evento eu queria muito falar com eles, de todos só conhecia Wanderley (que nunca se lembrava de mim, cada vez que o via era uma nova apresentação, mas depois que reclamei ele passou a se lembrar, eu acho!), antigo companheiro de Regina Leite Garcia em seus congressos e diálogos nas bancas. Sempre fui uma covarde. Dizem tímida, mas sempre foi covardia. Covardia de falar com desconhecidos, medo de não encontrar as palavras, coisa meio de fã, meio de criança, enfim, como se faz com os namorados no colégio, pedi a uma amiga para ir lá falar com Miotello, para mim. Pedir para que ele me orientasse em um pós-doc. Eu de longe via aquela conversa, desesperada, e quando a amiga veio, me disse: – “Ele disse que só se você vier morar aqui”. Demorei quatro anos para conseguir, mas fui! Fui pra lá e para muitos outros lugares! Eu fui!

Aquele momento marcou para mim a memória de uma virada: uma revolução, uma inversão, torção, uma mudança que ressignificou tudo. Não foi fácil, porém, pois que na minha vida não ficaria pedra sobre pedra. Eu reencontrara Bakhtin, juntamente com seu Círculo, juntamente com uma perspectiva de leitura que trazia elementos que as minhas primeiras leituras não continham, cortadas e suprimidas que foram pelas traduções (com suas perspectivas e escolhas ideológicas, claro). Cada tradução é isso mesmo,

um colocar em cena uma leitura, uma posição, não dá para esconder, como dizia Miotello. Essa abertura que vivi, confesso que tomei ciência dela *a posteriori*. Os textos do jovem Bakhtin e seu Círculo, no início do século XX, no período depois da Revolução de 1917 e antes dos expurgos de Stalin, ou seja, os textos florescidos no período da Rússia revolucionária dos anos 1920 conferiram outro tom aos estudos que eu tinha um dia visitado, e nesses estudos mergulhei de cabeça. Tudo o que aconteceu depois disso teve a coloração desse momento, por isso a longa narrativa.

Confesso que me senti tão defasada, tão necessitada de correr atrás dos estudos e leituras, como há tanto não me sentia. De repente toda a aflição vivida na entrada na universidade se fez dissolver no ar, todo aquele mau humor se evaporou, e eu desejei profundamente os encontros, as gentes, os trabalhos, desejei que o tempo pudesse ser longo e que os espaços se ampliassem, para com aquele ar fresco soprar pra longe todo o meu engano autocentrado.

Percebi com clareza que a universidade era um campo vasto e fértil de possibilidades, também. Percebi que vivia um momento de enorme prosperidade de liberdades, de financiamentos, de circulação de ideias e possibilidades de dizer, escrever, pensar, momento único e irrepetível. E eu respirei fundo esse ar, e trabalhei com tanta alegria nos anos que as aberturas políticas do país me permitiram fruir. Compreendi que minha ida para a universidade, como estudante de mestrado e doutorado, já fazia parte desses ares que começaram a soprar em 1988 – e antes até. Que não foi sorte ou acaso, mas uma política pública que me possibilitou, como professora de escolas públicas do interior, ir à Universidade Federal e me formar professora e pesquisadora. Que, à diferença dos professores que encontrei na época, que tiveram que cursar seus doutorados em outros países, a minha formação se faria no

Brasil, pois que aqui se formava com solidez uma pós-graduação de excelência. Que a abertura política dos anos 2000 abriu vagas para professores no ensino superior, como me disse uma antiga professora do meu departamento, que viu em meu ingresso um evento que não acontecia há anos. Abertura política, possibilidades de ingresso nos espaços públicos, formação de uma universidade pública não só de qualidade e excelência, mas também democrática e ampliada. Ampliada para o interior, para além dos grandes centros urbanos. Li recentemente sobre os institutos federais, e quero compartilhar:

Segundo informações divulgadas pelo Ministério da Educação, no período de 1909 a 2002 foram construídas 140 escolas técnicas no Brasil. Entre os anos de 2003 e 2010 foram entregues 214 novas unidades previstas após o lançamento do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional. Com 354 unidades e mais de 400 mil vagas ainda havia a previsão de entrega de mais 208 novas unidades, totalizando 562 ao final de 2014. (Brasil/MEC/SETEC 2014) (Oliveira e Junior, 2015, p. 2).

Foi um processo explosivo, como o definia Lotman. E eu fiz parte dele, fui junto com a abertura, minha vida é afortunada por ter sido uma vida vivida na onda que se levantou nessa explosão. Fez sentido para mim, então, o fato que, entre 2010 e 2014 eu ter tido nada menos que cento e dois bolsistas, sejam esses de iniciação científica, sejam esses de iniciação à docência, sejam esses de extensão. É muito estudante para uma professora, imagine no Brasil todo! São muitas vidas acadêmicas que tiveram subvenção em financiamentos, apoio em projetos. Foi tudo dirigido às escolas públicas e a minha compilação de bolsas, de orientações, de cursos, de textos escritos, de projetos é o registro não somente da minha vida, mas das vidas de

todos esses estudantes, na universidade e nas escolas parceiras, mas também registro de uma época, de políticas públicas existentes, que as gerações precedentes cavaram e que minha geração fruiu, e que tem a responsabilidade de portar avante. Foi pública essa vida!

Orientei estudantes e professoras, em projetos financiados, principalmente pela Faperj e Capes. Jovens Talentos da Faperj, PIBID Capes, Novos Talentos Capes, Proext UFF. Trabalhamos nas escolas parceiras, principalmente na rede estadual em Niterói, bem como no Colégio Universitário, que se formou também no período. Discutimos alfabetização das crianças e jovens das classes populares, formamos professoras e professores em todos os níveis (como estudantes da UFF, graduandos e pós-graduandos e em atuação nas escolas), criamos projetos como o da EcoHorta, nascido do desejo de pensar as relações entre as crianças e a terra; eu não teria a capacidade de narrar nessa confissão nem uma milésima parte de tudo que vivemos. Fomos ao Pará, em Oriximiná, pensar cultura com as populações quilombolas e indígenas. Tudo que dessas ações se produziu é incontável, vislumbrado em algumas produções materiais, mas, fundamentalmente, foi nossa refração singular ao movimento de educação nacional. Um investimento gigantesco, que com muito orgulho narro aqui como a minha vida, nesse tempo de acontecimentos. Confesso que é só desse lugar-depois que consigo perceber, valorar e honrar essa abertura, essa prosperidade, essa circulação oxigenada de recursos humanos, de alegrias, de arte, cultura e investimentos materiais, econômicos e financeiros. Claro que houve problemas, mal-entendidos, divergências. Por duas vezes fui, com o coletivo, às ruas para protestar, o que fazia justamente parte da abertura: onde circula a palavra, circulam alteridade e confrontos. Abertura, alteridade, indecidibilidade: olhando deste

agora-depois, me faz profunda tristeza a sua perda, já que representa morte, opressão, impossibilidade.

Bakhtin me acompanhou nesses movimentos, veja só que fortuna viver tudo que vivi, com essa filosofia se abrindo à minha compreensão, de modo lento e a ser saboreado. Particpei de tantos eventos bakhtinianos desde aquele primeiro, em 2010: em 2011 foi instituído o EEBa (Encontro de Estudos Bakhtinianos), que teve suas outras edições em 2013, 2015 (coordenado por mim e o Grupo Atos, na UFF), 2017 e 2019. Nos anos pares, foi o Rodas Bakhtinianas: 2012 em São Carlos, 2014 (particpei da organização, também em São Carlos), 2016 no Recife e 2018 em Cascavel, Paraná. É muito Bakhtin!! Tecemos relações, amizades, uma rede de gentes que agora fazem parte do que chamo companheiros e amigos. Pensadores que, conosco, buscam ver o mundo com olhos bakhtinianos. Na minha universidade, na minha própria Linha de Pesquisa, tenho a companhia de Cecília Goulart, presente em todos esses momentos e experiente pesquisadora da alfabetização, na companhia de Bakhtin desde há mais de vinte anos. Muita fortuna! Em 2014 finalmente consegui fazer a minha primeira capacitação docente. Passei, como exigido, seis meses em São Paulo. Aliás, foi a primeira vez na vida que morei fora de Petrópolis. Cursei a capacitação docente com o professor Miotello e o GEGê, escrevemos três livros e organizamos um congresso. Estava dado: eu não iria mais parar de fazer isso! Encontrei no diálogo, na roda e na escritura a universidade e a escola pública que eu pensei que tinha perdido.

Em 2013 tive dois ingressos para a orientação no Mestrado: Maria Letícia e Pati¹⁸, essa última já companheira

¹⁸ Profa. Dra. Maria Letícia Miranda Barbosa da Silva, professora de artes no Colégio Pedro II, e Patrícia do Amaral Borde Schaffe, atualmente mãe do Caetano.

de muitas aventuras: monitora, bolsista de IC e finalmente, mestranda. Nos anos seguintes, Denise, Ana Lopes, Letícia, Angel, Miza, Márcia, Liliane, Reginaldo, Ana Elisa, Fernanda, Reinaldo, Natália, Domingas¹⁹. Muitos outros chegaram e saíram, mas gostaria de contar que, em 2014, ao nos prepararmos para ir a São Carlos, todos juntos como sempre, achamos que seria bom podermos ter um nome coletivo, e criamos aquele que seria o nosso nome de grupo, *Atos*, em homenagem à filosofia ética de Bakhtin, o ponto inicial de toda a sua obra. Ali nasceu um Grupo de Pesquisas: Grupo *Atos* UFF. Foi outro marco na minha vida, a possibilidade da existência coletiva, fora da qual somos quase nada. Por eles e elas, com eles e elas, me formei professora, no ano de 2014, na estrada, indo ao encontro de Bakhtin.

Todo esse movimento expansivo, explosivo, gerou as publicações que não mais tinham a Psicologia como força motriz, mas que encontraram nas obras de Bakhtin seu maior interlocutor. Os temas da autoria, da escritura, da infância e das artes vai começar a impregnar toda a escritura e todo o trabalho de orientação, de discussão e ensino. Tenho uma confissão também a fazer nesse sentido: não distingo muito bem ensino, pesquisa e extensão. Daí que por vezes essa terceira dimensão quase não aparece nas minhas papeladas, só quando se trata de

¹⁹ Profa. Denise Santos Lima, atualmente doutoranda, Profa. Dra. Ana Lopes, a primeira doutora do grupo *Atos*, Profa. Letícia Castro Neves, mestra, Profa. Angélica Duarte, atualmente doutoranda, Profa. Miza Carvalho, atualmente doutoranda, Profa. Márcia Concencio, atualmente doutoranda, Profa. Liliane Corrêa Neves Mesquita, Prof. Dr. Reginaldo Lima de Moura, Profa. Dra. Ana Elisa dos Santos, Profa. Dra. Márcia Fernanda Carneiro Lima, Prof. Dr. Reinaldo Lima, atualmente realizando comigo estágio pós-doutoral, Profa. Natália Nascimento Abreu, atualmente mestranda, Profa. Angélica Domingas Proença, nossa amada militante pela educação popular.

uma ação financiada publicamente, como essa de Oriximiná, por exemplo. Mas em cada materialidade indiretamente indicativa do trabalho, seja um texto, seja uma tese orientada, seja uma palestra ou qualquer escritura de que eu tenha participado, está ali o ato do ensino, sempre o primeiro para mim, que sou professora antes de tudo; o ato da pesquisa que é, fundamentalmente, a abertura desse ato-ensino ao abismo do desconhecido, e do desconhecido maior que é o outro; a extensão, pois que tudo é responsabilidade – em todos os sentidos – tomada de posição no mundo. Compreendo, porém, se não for compreendida, acostumados que somos a buscar as coisas nas caixas respectivas, mas confesso que é com uma pontinha burlesca que deixo assim mesmo, faltando o limite, como um guizo de um chapéu de bobo largado no chão, para dizer que eu penso que as caixinhas (sempre Malvina Reynolds²⁰) são a expressão de nosso vínculo aos sistemas modernos de pensamento, como nos fez ver a pesquisa de Foucault (2007).

Retorno a 2010 com aquelas palavras ainda ressoando, como aquele som que se expande do sino e ainda se escuta, mesmo à distância: viver juntos é assumir a beleza de Babel. A multiplicidade de vozes que desabrochou dessa abertura nos anos 2000, que me alcança no momento fortuito em que eu abria asas, está presente nesse momento de florescimento das possibilidades. Foi preciso sair desse vórtice para vê-lo? Não creio nisso, sabíamos bem, nós filhos e filhas das necessidades, que era um momento de riqueza, pela circulação do que existe. O problema sempre será a ideologia dominante em nossa cultura que nos faz crer que um movimento histórico possa ser reduzido a um movimento seu, que éramos nós sozinhas a fazer com que

²⁰ Malvina Reynolds, “Little boxes”, 1962, https://www.youtube.com/watch?v=2_lGkEU4Xs.

os acontecimentos se dessem, e a retenção e armazenamento da riqueza. Graças a uma mirada que permite perceber esse contexto mais amplamente, podemos nos distanciar de toda narrativa que possa nos iludir com essa identidade autocriada, que sozinha vive a história. Ao contrário, os acontecimentos foram uma abertura – por sua vez única na história – que permitiu a circulação das gentes, das riquezas, da cultura. Essa abertura é a única capaz de nos salvar daquela melancolia que vivi, com a cabeça na carteira, pensando que a morte chegara. A morte assim percebida é o sintoma da solidão de que nos dizia Lukács, essa ilusão fecundada pelas ideologias separatistas e privatistas, que isolando o ser humano da história, do social e da cultura, o constrange a ser isso que jamais foi: indivíduo, sujeito, idêntico a si, eu.

Os anos de 2010 a 2014, momento em que senti o meu renascimento profissional, foram os anos de consolidação de um projeto de mundo politicamente viabilizado pelo governo democraticamente instituído e logo após, antidemocraticamente destituído. Mas eu os vivi como vive um ser humano singular, em suas redes únicas, historicamente conectadas; esses anos eu os vivi junto a tantas e tantos outros. Bakhtin e seu Círculo giraram uma roda forte, mas essas palavras as acessei por esses outros, a quem confessamente agradeço: professor Valdemir Miotello, professor Augusto Ponzio, professor Wanderley Geraldi, Grupo Atos UFF e todas e todos os que vêm junto com eles, pois que sabem bem que nunca se vai só. Publicamente confesso minha irrestrita gratidão, em meu nome e de todas as crianças, todos os jovens, todas as professoras, todas as mestrandas, doutorandas, todas e todos e cada uma das centenas de vidas que, nesse período, giraram conosco essa roda, essa grande roda dialógica em busca de uma escola pública de qualidade, de uma universidade democrática, de um mundo onde todos

enunciem historicamente em um bem viver. Essa minha confissão, uma confissão de amor, não mais pedirei a nenhuma amiga que vá dizer ao ser amado, mas digo eu mesma, a plenos pulmões, nesse renascimento que eu e tantas e tantos outros pudemos ter, renascimento coletiva e amorosamente afirmado no Brasil do início do século XXI.

DIÁLOGO NO LIMIAR: arte e vida na unidade da minha responsabilidade

– *Bobók, bobók, bobók! Que bobók é esse? Preciso me divertir!*

Quem estuda Bakhtin certamente já leu essa Menipeia de Dostoiévski, das mais famosas, acompanhada da aula que Bakhtin faz dela, e que Paulo Bezerra colocou junto, no livro editado pela Editora 34 (Dostoiévski, 2012). A Menipeia como gênero antigo na poética histórica do romance, não só de Dostoiévski, mas de Rabelais, é retomada por Bakhtin em diversos textos, ensaios e apontamentos. Bakhtin o relaciona diretamente com o antigo Diálogo dos Mortos, de Luciano, bem como outras fontes, como a Menipeia do sonho. Bakhtin, no texto que está no mesmo livro, traça inclusive os pontos de diálogo entre *Bobók*, publicado originariamente por Dostoiévski no semanário *Grajdánin* (O Cidadão), em 1873, e as grandes formas da Menipeia antiga de Luciano.

Da Menipeia, dentre outros gêneros antigos, Bakhtin extrairá as forças que localiza e compreende na obra de Dostoiévski, não somente nesse texto, em que explicitamente o escritor faz uso do gênero antigo, mas como elemento da poética de seu romance polifônico inovador. Sem me demorar na descrição dos elementos desse gênero, tarefa para mais que uma introdução, ressaltaria, porém, a característica plenivalente dos diálogos no limiar, que são conseguidos graças ao recurso do plano estético do além-túmulo, onde as hierarquias e separações sociais são aniquiladas pela morte, essa grande equanimizadora. Diálogo múltiplo de vozes plenivalentes enunciando no limiar, trabalho de plano polifônico feito

pelo autor que escapa do monologismo mortificador, da palavra direta e da palavra violenta sobre o herói (Bakhtin, 2020).

Porém, as Menipeias antigas tratavam das questões últimas; no limiar enuncia-se as grandes questões humanas. Não é referência bakhtiniana na sua poética histórica dos gêneros biográficos e autobiográficos. Por que, então, a trago nesse conjunto de textos que buscam penetrar nas formas (pelo menos composicionais) dos gêneros antigos relacionados à autobiografia, tentando articular suas forças? É o próprio Dostoiévski quem vai dar a dica: essa Menipeia famosa, *Bobók*, foi escrita como uma resposta que o escritor dava a críticas de outros periódicos às suas publicações em *O Cidadão*, onde chegou a ser redator-chefe. Ao penetrar no gênero antigo e responder ao seu contemporâneo, Dostoiévski como que cria um contexto novo para a escritura da Menipeia, traçando suas questões e respostas na personagem, poderíamos dizer, autobiográfica. Assim, autorizada por um gigante, desenho em linhas possíveis (uma escritora amadora) um diálogo no limiar, para responder ao contexto de acontecimentos entre 2015 e 2019, parte final deste presente memorial de carreira. As questões que discuto aqui são, no meu entender, grandes questões: arte, formação, cultura e filosofia da linguagem. Condições de possibilidade para a enunciação alargada das questões últimas do ser humano.



21

Per me si va ne la città dolente,
Per me si va ne l'eterno dolore,
Per me si va tra la perduta gente,

Giustizia mosse il mio alto fattore;
Fecemi la divina podestate,
La somma sapienza e 'l primo amore.

Dinanzi a me non fuor cose create
Se non etterne, e io etterna duro.
Lasciate ogne speranza, voi ch'entrate²².

²¹ Colagem sem título de minha autoria, feita em 2020, no início da pandemia do Corona Vírus.

²² Vai-se por mim à cidade dolente, / vai-se por mim à sempiterna dor, / vai-se por mim entre a perdida gente. / Moveu justiça o meu alto feitor, / fez-me a divina potestade, mais / o supremo saber e o primo amor. / Antes de mim não foi criado mais / nada senão eterno, e eterna eu duro. / Deixai toda esperança, ó vós que entraís (Dante Alighieri, Canto III, Inferno, 1998, p. 37).

Há alguns minutos circundo o jardim do antigo Hôtel Biron, na Rue de Varenne, hoje conhecido como Museu Rodin, e estranho porque nesse dia claro e ensolarado de outono está tudo tão vazio. Vazio de pessoas vivas, claro, já que cruzo todo o tempo com essas pessoas de bronze, de pele forjada com as marcas das mãos expressionistas de seu criador. Ao longe escuto um zumbido, que vai se fazendo cada vez mais alto, conforme contorno as roseiras em direção à ala leste do palácio.

– *Bobók, bobók, bobók! Que bobók é esse? Preciso me divertir!*

Eu que entrei com um sanduíche de salame e um vinho de caixinha escondidos no largo bolso do sobretudo, começo a mastigar esse almoço, deixando migalhas e pedaços de carne espalhados pelo chão. – *Bobók, bobók!* Cada vez mais alto eu escuto o rumor, e ao virar a curva dou de cara com aquela enormidade que já me tirara o sono anteriormente. Aquela que seria a obra póstuma de Rodin, com as suas obras ensaiadas em tantas outras, a *Porta do Inferno*, a obra que me levaria a escrever e lutar pelo pós-doutorado. Afinal, onde está todo mundo? Olho ao redor e apuro os ouvidos para compreender que vinha de fato dali o rumor. Chego bem perto, bem perto, e me certifico que não estou louca: a mulher alada dá uma rodopiada, cobre o rosto com as mãos e volta a mergulhar no limiar da porta. Mais ao fundo um bebê chora forte, e escuto agora com surpresa de criança que o *Pensador* lentamente troca de mão no seu queixo, rangendo o metal com um som rouco. Por todo lado, agitação, rumor, mergulhos em espiral. Com a cara encostada na Porta e com o sanduíche já quase todo esmigalhado pelo chão, arregalo os olhos perante tanta balbúrdia. De cima de minha cabeça Paolo larga Francesca, e me grita:

– *Você não é daqui!...*

– Não, senhor, sou de longe, de além-mar. Só visito suas terras...

– *Sabemos tudo de você, grita de outro lado um dos filhos de Ugolino. Daqui dessa Porta vemos tudo.*

– Tudo?

– *Tudo, assente Francesca Rimini. Vimos sua vinda, da outra vez, da outra ainda e dessa vez. Vimos como fotografou cada milímetro de nosso limiar. Vimos você lendo o Rodin de Rilke vez após vez, vimos suas idas e vindas, suas leituras de Dante, suas compilações das versões das esculturas de cada um dos motivos da Porta.*

– Como pode ser?

– *Estamos no limiar, no Portal, daqui tudo se vê. Ademais é o portal do Inferno, lugar sem tempo, fora do tempo, ponto infernal, diz rodopiando Mercúrio.*

– O que viram?

– *Tantas coisas... vou contar de 2015, que foi um ano importante para você e ao mesmo tempo trágico para seu país – disse Paolo. Me interessa particularmente falar desse ano, porque vimos que vocês organizaram um congresso para falar de amor...*

– *Foi o EEBa, que aconteceu na UFF. Nosso Grupo já estava formado, e conseguimos organizar tudo. Trouxemos muitas pessoas boas para falar de amor: Augusto Ponzio, Wanderley Geraldi, Miotello, Luciano Ponzio, Susan Petrilli, dentre tantos outros. Foi um trabalho grande, e aconteceu durante a greve dos professores, tivemos que colocar na pauta das lutas essa discussão toda. Mal sabíamos que em tão pouco tempo a presidenta Dilma Rousseff iria ser golpeada.*

– *O Brasil foi golpeado, na verdade.*

– *Desse golpe não nos recuperamos ainda, foi uma pedrada atrás da outra, até agora.*

– *Um congresso para falar de amor. Eu, Francesca, mal posso imaginar, que esse seria um tema para cientistas. Vi*

vocês discutindo o amor como ato político, o contrário da indiferença. Vi que foi Bakhtin quem ensinou isso a vocês, mas vi também que ele apenas colocou palavras nessa ideia, que todos vocês já tinham e trabalhavam por ela. O amor foi o ato político de nossa queda, eu e Paolo fomos condenados por amor, isso você sabe. A literatura nos contagiou. Parece que também a você, ela contagia, está sempre com um livro na bolsa.

– Desde menina. Vejo a vida pelos olhos das personagens das obras que leio, sejam elas personagens criadas, sejam elas autores criadores, como com os filósofos. Sempre tive a cabeça no mundo da lua.

– *Eu, dessa banda de cá da Porta, apesar da minha situação difícil, vi quando você mudou o rumo da sua prosa e foi para a Pós-graduação em outra Linha de Pesquisa. Vi que não aceitou o que considerava violento e se debandou para outras paisagens. Vi que nessa Linha de Linguagem, Cultura e Processos Formativos, abraçada pela Cecília, Jader e outras, iniciou uma pesquisa. Uma pesquisa mesmo, com tantas ramificações. Quer falar um pouco dela?*

– Senhor Ugolino, eu sempre me comovi com a existência da sua tragédia. Para mim um dos capítulos mais terríveis da história do mundo. Lamento muito seu sofrimento.

– *Sofremos, eu e meus filhos, eternamente, em tantas obras que nos eternizaram. Talvez um testemunho ideológico, nas artes, para que nunca mais aconteça assim. Agradeço sua empatia. Me conte sobre sua pesquisa.*

– Eu vinha já lendo e estudando a obra de Bakhtin e seu Círculo, sob a perspectiva renovada dos seus estudos da juventude. Sabe que é como se uma luz iluminasse retrospectivamente, acendendo os sentidos até do que já passou? Isso foi ele mesmo quem disse, veja, como é bonito, além de profundo. Mas os próprios estudos e leituras foram nos levando, eu e os membros do Grupo

Atos, para um lugar teórico, que foi se delineando e hoje em dia está pintado em tons fortes: pesquisamos a heterociência, as artes e a escritura, relacionadas aos estudos sobre a infância na escola. Tantas coisas já fizemos. Isso pode ser muito bem observado em todas as escrituras que praticamos, livros e artigos, durante esses últimos cinco anos.

– *Eu também vi que escreveu um livro só seu, que beleza.*

– Na verdade foi coisa do grupo. Maria Letícia vivia insistindo que eu não publicava algo meu. Eu nunca gostei dessas coisas de livro autoral, mas ela fez sem mim: juntou os textos que achava bons e “bonitos”, pediu a meu filho para prefaciá-lo (ele é professor de Filosofia), a minha filha para ilustrar (é pintora), e publicou. O livro vendeu não sei quantas reimpressões e edições, acho que as pessoas querem muito falar de amor e de escola. Mas então, daí eu e o grupo demos essa virada teórica, começamos a estudar arte, representação, afiguração, condições artísticas dos discursos, e deu nisso: teses e dissertações, onze concluídas nesse período, e outras tantas sendo gestadas, todas pesquisando artes, escola e infâncias. Enunciando que é preciso mudar o mundo da escola, mudando as palavras desse mundo. Olhem os temas: poesia, autorretrato, fotografia, escrita infantil, escrita literária, teatro, cinema, música, tudo relacionado às imagens de infâncias, às enunciações infantis, a uma perspectiva de pesquisa que compreenda essa força revolucionária disponível em todo ato enunciativo.

– *E sua própria pesquisa?*

– Eu comecei o pós-doc em 2016, e logo de cara o orientador da pesquisa, o professor Jader Janer, meu amigo e já nessa época professor em outra universidade, a Federal de Juiz de Fora, me disse: pesquise o *Cronotopo* na obra de Bakhtin! Ele estava muito interessado nessas

relações espaço-tempo valoradas, ele que é da área das Geografias das Infâncias, e eu fui nessa! Estudei durante os anos de 2016 e 2017 no Brasil e na Itália, até que em 2018 fui novamente de capacitação para Lecce, dessa vez para passar seis meses. Estudei com o professor Ponzio, estudei com o Luciano Ponzio, participei de aulas na Università di Bari, del Salento, mas o mais importante, andei pela Itália em busca de livros que não havia tradução para o português. Encontrei textos que não haviam sido traduzidos do próprio Bakhtin, os *Apontamentos dos anos 1940*, que traduzi tão logo retornei ao Brasil, juntamente com Maria Letícia. Comecei esse processo de tradução do italiano para o português, e traduzi e traduzo textos inéditos de Filosofia da Linguagem de Augusto Ponzio, mas também outros, como Jacques Derrida, Roland Barthes, Yuri Lotman, dentre outros. Não tenho ainda autorização para publicar todos eles, mas posso ao menos ler e compartilhar com o grupo Atos e tantos outros estudantes textos inéditos sobre cinema, sobre semiótica, sobre filosofia da linguagem. Não é esse o sentido da tradução?

– *E estudou também a obra do Rodin... nos estudou, bem vimos.*

– Você, dançarina sem gravidade, filha de Camille Claudel, sabe bem em seu corpo o que foi essa sua vida, as forças do machismo se abatendo sobre a artista, a sugando, tornando sua vida tão difícil. Eu quis muito estudar o Cronotopo na obra de Rodin, mas o estudo ficou só para mim, todo mundo torce o nariz, certamente em solidariedade a sua criadora. Vi suas mãos no seu corpo, *Fugit Amor* o nome de sua obra, que Rodin assina na Porta e em outras obras que fez como estudo. Vi as mãos de Camille e as vi escapando, por isso não concluí o estudo. Mas de todas as minhas paixões, essa é a mais intensa.

– *Escreva o Cronotopo da Porta do Inferno, te pedimos!*
– em trio falam as Sombras.

– O farei, por vocês.
– A pesquisa segue, então? Não terminou ainda?
– Cada vez que penso que sim, algo mais acontece e eu acrescento mais um estudo. Eu terminarei o texto até final de 2022. Isso prometo diante do Portal supremo de Dante. Tenho já escrito vários textos, mas me falta um, teórico, o mais importante, a meu ver, que discute a poética histórica de Bakhtin como cerne de toda a sua pesquisa sobre a imagem do homem na forma artística, como metódica revolucionária para penetrar na obra de arte. Foi nos anos 1920 que se desenhou essa perspectiva, em muitos textos do jovem Círculo, e Bakhtin levou adiante na pesquisa da obra de Dostoiévski, de Goethe e de Rabelais, além dos poetas, claro, Púchkin e Maiakóvski. Era a pesquisa da maturidade, corpo vivo da metódica desenhada na juventude.

– A arte impregnou seus estudos, de modo incisivo e abrangente, posso ver. Vi também daqui como a cada curso de graduação, a partir de 2015, e já antes, mas aqui em definitivo, a arte é força na linguagem, entre você e os estudantes. Daí as exposições de fotografias, as montagens, a exposição de fotografia expandida. Nem todas você relata, percebo, não guarda outros registros delas que a beleza e a transformação nas vidas das jovens, das crianças, das professoras. Vejo que a arte passa a ser a dimensão da linguagem na qual você dialoga com os estudantes. Devia falar mais sobre isso, deixar transbordar essas energias explosivas. Vi o livro que organizou com as doutorandas, de pequenos contos escritos pelas estudantes de Pedagogia. Você não conta esses casos, por quê?

– Chamou-se *Palavramundos: os textos mais lindos do mundo*. Lindíssimos mesmo. Sabe como eu vejo, Francesca, é como se a coisa ainda estivesse em se fazendo, como quando um pintor ainda não mostra o quadro. Sinto que é um momento em acontecimento, esse de minha relação

docente com a formação em linguagens artísticas. Não sinto que tem materialidade ainda para ser dito, escrito, sigo ainda fruindo essas relações. Relato algumas, por exemplo essa das fotografias expandidas, em um texto que vai sair agora, em 2021, acho que pela UNB. Você sabe, eu também tenho um grande problema: esqueço das coisas que já fiz, tenho olhos voltados para o que ainda precisa ser feito. Por exemplo, como já contei em outro lugar, nós do grupo Atos fazemos eventos incessantemente, dialogamos com autores, fazemos minicursos, fazemos semiótica do cinema latino-americano, é muita coisa, mas na hora de contar parece que tomamos como corriqueiro. Atos em *Diálogo* é o nome dessas rodas de conversa com autores, pesquisadores, sempre tem uma de dois em dois meses pelo menos... *Café cinematográfico* é quando nos reunimos para assistir cinema e discutir semiótica. Ah, é infinitamente impossível compilar todos esses momentos de estudo e diálogo do grupo Atos. Mas sabe que eu até que consegui? Para o memorial... certamente faltando muita coisa, mas o grupo me ajudou, me lembrou. Precisamos desse movimento de registro, é que o grupo é muito novo e...

Um rugido de metal se fez forte, e toda a Porta voltou-se para cima. O personagem que até então estava em silêncio moveu-se todo, como uma chave que abre a porta. Por um momento tive muito medo de ser tragada para aquele magma, de me tornar eu mesma personagem desse Inferno, mas ele falou:

– O mais importante, para meu pensar, você nem disse. Bem sabe você como a arte pode ser uma dimensão perigosa, se esquecemos do Inferno. Inferno aqui como essa condição humana de sofrimento, desde tempos imemoriais, e na Terra. O portal que Rodin constrói tem essa afiguração; como porta é daqui e dali, é limiar, lugar onde tudo se transforma. A Porta

do Inferno é o Inferno, mas é também o lado de fora do Inferno, a possibilidade de ver o Inferno e transformá-lo. Estou dizendo a você que dos seus encontros o mais importante foi com a formação, na perspectiva política de seu maior autor, Paulo Freire. Já esteve diante de nós, este. Quando se reencontraram com Freire pela via da pesquisa de Liliane Neves, de Ana Lopes, de Márcia Concencio, quando conheceram Marco Raúl Mejía, Patricia Melgarejo, quando encontraram o Sul no Sul, salvaram-se do esteticismo. Bakhtin buscou a arte lá no lugar histórico onde essa é força libertária, vértice apontando o Sul, o solo, o Inferno, o baixo. Mas isso só porque eram tempos de valorização do Norte, do céu, do Céu e de cima. De todas as forças que articulam, são as forças políticas da formação as que mais aprecio. Não se aparte delas, ao contrário, as faça crescer como as chamas de labaredas violentamente tremeluzentes. O curso de extensão que fizeram foi um desses momentos de queimada, de fogo alto. Tenha isso em mente, em corpo, em diálogo, sob a pena de, como eu, passar a eternidade nesse limiar, abaixo das Sombras e impotente ao sofrimento humano. O filósofo tem que transformar o mundo²³!

– O escutarei sempre, senhor Pensador, em cada ato meu. Não me esquecerei de suas palavras e nem dos perigos para os quais me adverte.

Nem bem eu me esticava para tentar tocar naquele que era a própria afiguração de Dante Alighieri no topo da Porta, e espirrei. Do meu espirro soprou um vento forte, que me fez perder meu chapéu, e uma revoada de folhas secas rodopiar à minha volta e à volta da Porta de Rodin, enchendo o Jardim das Esculturas de um perfume de outono, misturado com capim cortado. Vi passar diante de mim restos do meu sanduíche, páginas de meus cadernos,

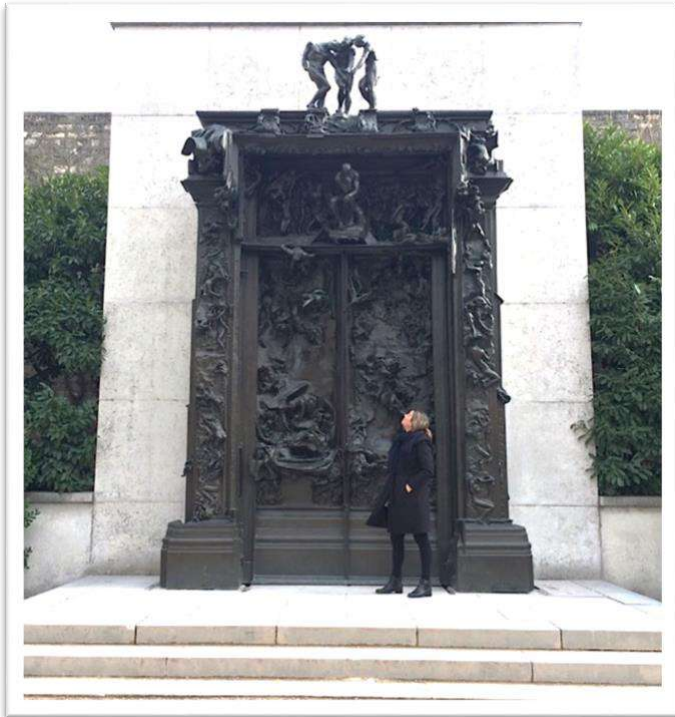
²³ XI Tese a Feuerbach, do jovem Marx.

um marcador de livros dourado, folhas secas, pétalas de flores, a caixinha de vinho e o vinho em gotas, um brinco sem par, uma chave... Assim como soprou, parou o vento, de repente, atirando todas as coisas esvoaçantes ao chão, com grande estrondo. O silêncio que se seguiu foi ensurdecedor. Levei as mãos aos ouvidos, pensando que tinha perdido a audição, mas imediatamente os sons dos visitantes, turistas e escolares cantou à minha volta. O Jardim estava repleto de pessoas de diferentes nacionalidades, como acontece sempre nesses meses ensolarados de abril e maio. Olhei para a Porta do Inferno e estava petrificada, melhor dizendo, estava abronzeada, todos os personagens eram estátuas novamente, como eu sempre os vi. Toquei na barriguinha do *Filho Pródigo*, tentando fazê-lo rir ou chorar, novamente, mas ali estava o bebê de bronze, mudo, puro gesto em metal.

Talvez tenha sido um sonho, um delírio, talvez o salame estivesse estragado, mas preciso escrever tudo isso antes que eu esqueça. Preciso escrever... Preciso, talvez possa colocar isso no memorial.

Talvez agora eu tenha ido longe demais, mas já estou mesmo no fim, daí que fazer uma Menipeia para escrever sobre meus últimos anos de estudo certamente sofrerá críticas literárias severas, mas como disse no início, eu precisava me divertir. Tenho andado muito pesarosa, por isso não me tirem essa alegria, ainda que eu reconheça a heresia literária.

Hoje, enquanto escrevo este texto, computam-se 262.770 mortes por Covid no Brasil. Gostaria muito de pensar que, quando este texto for lido, esse grupo humano, essas vidas humanas que deixaram este mundo, não seja maior.



24

Vivemos em um tempo de indiferença ao humano; isso se faz ver desde os pequenos gestos cotidianos, até as grandes omissões. Honramos as vidas de todos esses que partiram cedo demais, e a todos e a cada um deles e delas, dedico essa força histórica da Menipeia, das artes, das possibilidades humanas de enunciar e de transformar o mundo.

²⁴ A Porta do Inferno, Museu Rodin, Paris, 2018.

CONCLUINDO



25

²⁵ Colagem de minha autoria, feita para o livro Dezenove, de Marcia Fernanda Carneiro Lima.

Lendo Calvino (2000), em sua *Autobiografia de um espectador*, onde vai assumindo sua visão do cinema, das imagens do seu país e dos personagens do mundo, não posso deixar de pensar minha própria visão que, aliás, nunca me foi acessível como pôde ser agora, ao compreender Calvino. Vejo como os quadrinhos e seus personagens, que na infância recortava e coloria, muitas vezes desenhava e ampliava, para ver maior e *fora* da página de papel jornal, compuseram uma estética que permanece em minha visão literária, filosófica, científica. Aquele recortar das personagens texturizava o outro-herói que estava distante do outro da vida, este último comum, hostil, cotidiano. As personagens, lindas e espertas, bem-humoradas, sagazes e de palavra indireta, paródica, aventureira, compuseram um outro de mim através de cujos olhos eu quis ver a vida, por vezes só companheiros mesmo, mas que tomavam meu partido no mundo.

Revi o ato de descolar o personagem do contexto de gênero dos quadrinhos, como que trazendo para a vida, fazendo atravessar a barreira dos mundos, tamanho meu desejo de tê-los junto a mim; assim fazendo deslocava seu ser literário no mundo, para transformá-lo. Mais tarde aprenderia a gozar de seu mundo como uma dimensão do meu mundo, sem destruir o limiar, aprenderia até a usar dos privilégios de leitora voraz para ensaiar, eu mesma, criar alguns mundos. Mas naquele momento me bastava o desejo de tê-los comigo, e arrancava os personagens, quando não os desenhava eu mesma, povoando o mundo da minha vida com esses seres também aqui agora viventes, uma orgia entre mundos, uma passagem que obriguei esses recortes de papel jornal a fazerem, misturando mundo literário (quadrinhos são literários para mim, que se diga o que se quiser dizer a esse respeito) e mundo da vida, da minha vida.

A esse ato, chamamos, também, em outros contextos, por pura ignorância, brincar de bonecas. A capacidade anímica parece ser, de meu ângulo de visão atual, essa possibilidade fabulatória de traduzir ou de transportar seres de um mundo a outro, povoando este mundo da vida com as personagens dos mundos literários (ou que nem se tornaram literatura ainda), ou qualquer enunciado em qualquer gênero, que já existem enquanto personagens de uma fabulação daquele que “anima”, que brinca, que joga entre mundos: capacidade de fantasiar, ou no meu caso, aumentar as possibilidades deste mundo da minha vida com as personagens desses outros mundos. Isso sempre foi minha vida, e confesso que esse ato me acompanha até hoje, em maior ou menor grau de delírio ou de prazer. Para que não imaginem que estou mentindo, procurei até encontrar, nas minhas bugigangas, alguns remanescentes desses personagens entre mundos.



26

²⁶ Os personagens recortados e coloridos que se salvaram no tempo.

Não seria capaz de recordar enredos ou situações, mas o fato de os guardar delicadamente em um plástico protetor, no interior de uma bolsinha que contém, ademais, as pulseiras dos meus quatro filhos bebês, e alguns objetos sagrados (em qualquer sentido) revela o seu valor para mim. O meu ponto aqui aproxima-se de Calvino, sobre a relação entre arte e vida. Remeto à leitura desse texto importantíssimo, quando o autor diz que

Houve anos em que eu ia ao cinema quase todos os dias e, com um pouco de sorte, duas vezes ao dia, e eram os anos, digamos, entre 1936 e a guerra, a época, enfim, de minha adolescência. Anos em que o cinema era o mundo para mim. Outro mundo que não o que me cercava, mas para mim apenas o que eu via na tela possuía as propriedades de um mundo, a plenitude, a necessidade, a coerência, ao passo que fora da tela se amontoavam elementos heterogêneos, como que juntados ao acaso, os materiais de minha vida, que me pareciam desprovidos de toda e qualquer forma.

O cinema como evasão, já se disse tantas vezes, numa fórmula que se pretende condenatória, e certamente a mim o cinema naquela época servia para isso, para satisfazer uma necessidade de estranhamento, de projetar minha atenção num espaço diferente, uma necessidade que acredito corresponder a uma função primária de nossa inserção no mundo, uma etapa indispensável a toda formação (Calvino, 2000, p. 16).

Como diz Geraldí, em um livro cujo título aqui é muito pertinente, *Ler livros é amar outras vidas possíveis, existentes, imagináveis, inimagináveis*, ele aprendeu com os livros, e não simplesmente porque os lê, mas,

com a caneta na mão, estudo e paro a cada jogo de palavras, a cada invenção linguística, a cada possibilidade tão óbvia que não ocorrera antes a ninguém. Daí meu

gosto por Mía Couto, por Ascência Freitas, por Ondjaki: os africanos nos fazem ver o que não enxergamos! (Geraldí, 2019, p. 10).

Seja no caso do cinema, em que Calvino organizava a sua vida caótica na Itália fascista do antes-guerra, seja no caso da literatura, em que Geraldí alarga sua própria visão de mundo no estudo das palavras alteritárias com as quais encontra na literatura, o caso parece ser, como o vejo, da necessidade fundamental da literatura, da escritura, das artes para conseguirmos ver, organizar, dar sentido à vida. Bakhtin falou isso por outros modos, já que para ele a ética, dimensão fundamental da possibilidade do humano em diálogo, não pode ser ao mesmo tempo vivida e vista, o mundo do ato só permite uma descrição *post factum*. Como compreender a vida, então? Bakhtin (como Calvino, em outros textos²⁷) propõe que se olhe para a arte, dimensão da vida onde a *vida vê a vida*. Indiretamente, obliquamente, em desvio.

Mas não penso tratar-se de uma fuga, como se referiu Calvino, mas sim a visão indireta da arte, a necessidade da alteridade como princípio organizador da vida – não fuga da vida, mas a vida vendo a vida. Assim que eram meus personagens recortados que recriavam minha vida em outras bases, em relações outras, como aquelas do cinema para Calvino, talvez como as palavras da literatura africana, para Geraldí. Ainda que escandindo do mundo da arte de modo não complexo, povoaram aquele meu mundo, conferindo a ele a ordem que eu necessitava e não dispunha, uma ordem heroica, bondosa, amorosa, divertida e coletiva.

²⁷ Me refiro especificamente à passagem de Calvino na lição americana “Leveza”, em que aproxima a literatura à imagem do escudo de Perseu para fazer o elogio da palavra indireta artística (ver Calvino, 2017, pp.8-9).

O meu ponto aqui é uma questão e uma defesa, que trago como uma conclusão inconcludente de meu memorial de carreira: como podemos pensar na formação humana sem essa força, que segundo creio, é o humano do homem por excelência? Não se pode prescindir dessas forças da palavra indireta, sob a pena de impingirmos ao outro um mundo morto de princípio, um mundo no qual podemos apenas nos adaptar ao que já é, ao que já está dado. Não é justamente na superação dessa condição que se fez possível o surgimento do ser humano? *Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornarem-se uma, na unidade da minha responsabilidade.* Com essas palavras Bakhtin conclui seu primeiro ensaio, publicado em 1919 no almanaque *O dia da arte* (Bakhtin, 2011, p. XXXIII). Essa responsabilidade, para ele, é geral, sem alibi, e o fundamento da própria vida. Transporte esse sentido aqui para pensar a formação de cada um, que sem esse deslocamento que conecta cada singular ao grande tempo dos gêneros da linguagem, ou seja, ao tempo grande da humanidade, pode tornar-se lugar de mortificação do humano na esterilidade do já dado e do aqui-e-agora. *O dia de hoje*, como dizia Bakhtin, se referindo ao cotidiano não no sentido que a esse confere Michel de Certeau, mas o *dia de hoje* como servo do futuro determinável.

Bakhtin denomina essa experiência como a experiência pequena, segundo ele “pensada de maneira prática e consumista”, que “aspira a mortificar e coisificar tudo” (Bakhtin, 2020).

Na pequena experiência, há um que conhece (todo o resto é objeto de conhecimento), um único sujeito livre (todo o resto são coisas mortas), um único ser vivo e não fechado (todo o resto é morto e fechado), um único sujeito que fala (todo o resto cala sem resposta) (idem, p. 65).

Se antes vivia essas experiências de modo pouco refletido, a partir dessas leituras de Bakhtin radicalizo as formas dialógicas do ensino de graduação (e pós-graduação), fazendo com que essas sejam iminentemente éticas-estéticas, na busca da elaboração coletiva do conhecimento e na reflexão sobre esse, refratando formas originais de discussão na formação docente. Ao menos é o que me parece acontecer, do lugar de minha intenção e de meu ato responsável enquanto professora das Licenciaturas. Entre o brincar e o recordar, o ler enquanto ato humano formador por excelência. Nessa perspectiva, poderíamos dizer que vida, leitura e formação são partes do mesmo ato de criação do humano, pelo humano, com o humano, sempre em resposta aos contextos próximos e distantes.

Assim como na pós-graduação, fazendo do diálogo proposto na teoria a própria metódica da orientação e acompanhamento das pesquisas, assumo a *pesquisa* como diálogo responsivo entre textos, acadêmicos e não acadêmicos, guiada pela busca dos sentidos que ela mesma porta e encaminha. Principalmente, assumo as formas da escritura na universidade como abertas ao grande tempo dos gêneros pelos quais essa foi constituída, e pelos quais pode encontrar os eixos das forças para constituir-se. Não se trata de fazer literatura na ciência, como pensam superficialmente algumas pessoas, mas, ao contrário, de assumir a linguagem como ponto fulcral de toda prática social e, assim fazendo, compreender suas forças formadoras e criadoras.

Retornando aos quadrinhos, sua mobilidade fluida entre imagem e palavra, sua força enunciadora de palavras em imagens e de imagens em palavras, seu jogo não linear e sua possibilidade de ver e ler simultaneamente, mais do que sua sequência *enquadrinhada* (que, porém, o aproxima da sequência linear da escrita ocidental), porta em minha

lógica leitora marcas profundas. No ato físico de ler, nas imagens do trabalho na leitura, nas preparações dos *sketches* das escrituras, e principalmente na forma delimitada e trabalhada do herói, das personagens, pensadas como seres humanos. Mesmo aqui neste memorial, falando *de* ou falando *sobre* uma pessoa, o ato de pensar a personagem com suas valorações, modos de olhar, formas de ser percebidas adveio dos quadrinhos, e do meu jogo de desenquadrá-los, os enformando em histórias outras – incluindo a minha própria. Jogo, criação, tradução, leitura: assim me fiz leitora, e por isso me aproximo de Bakhtin com tanta familiaridade.

Acima de tudo, desejo uma metódica de formação dialógica que seja ela mesma uma metódica de leitura e escritura, entre textos, entre gêneros, dialogando arte e vida na criação das imagens de si, do outro e do mundo. Que possa representar um movimento de recusa das identidades solitárias, da ilusão de nos pensarmos o centro da vida, um centro isolado e doloroso da vida. Que possa afigurar outro movimento, alteritário, libertário, que compreenda o coletivo como força revolucionária, nos contextos imediatos e distantes. E tudo isso na universidade.

Kiraly (2017) parece concordar com isso, e em seu elogio do ensaio como forma, diz que o ensaísta seria “aquele que atende ao chamado do artista e do cientista dissolvidos em novo amálgama” (p.52). Teria um grande conforto em assumir este memorial enquanto ensaísta, trazendo em meu dizer ambos os chamados que, creio sinceramente, também estavam amalgamados nos escritos de Bakhtin. Não creio, porém, ter sido capaz da multiplicidade de vozes, da polifonia – falar como os outros e falar como mim mesma, em uma plenivalência discursiva, que caracterizam a literatura e o ensaio filosófico. Talvez, e se muito, busquei infiltrar-me nos gêneros e, se o efeito

polifônico foi obtido, foi graças ao gênero, e não ao gênio. De toda forma, me senti entre esses grandes, ao menos em intenção. Ou talvez por pura identificação, desde que ouvi que o *ensaio não tem paciência com apreciação ou escrita frívolas, por seu compromisso com as dificuldades do incidental; as questões do ensaio são matéria de vida ou morte. Aquele que suporta o anacronismo na voz não tem tempo a perder* (Kiraly, 2017, p. 68).

Talvez dessas forças só tenha sido possível esse meu gosto pelos objetos ambivalentes, grotescos, heteromórficos, que são ao mesmo tempo escuta do enunciado como prosa poética, e escuta do enunciado como forma acadêmica. Aqui, dadas as limitações da própria destinação, talvez não se tenha obtido mais que um perfume ensaístico, ou uma forma genérica diletante, ou mesmo uma prosa dissertativa estetizada. Ou talvez só um modo de ver, que buscando se afastar da vida como caminho, no entanto a afirma como temporalidade, e a rearranja em uma montagem de ritmos, ditados pelas sensações interiores e percepções da autora-personagem, mas que buscaram antes de tudo as relações. Por sorte, o julgamento será do conteúdo dos percursos vividos, e não das questões de estilo e estética, o que dá certo alento.

Mas que de nada terá valido, se o conteúdo dessa vida não puder ser lido como descontinuidade, acontecimento e encontros, que tendo ocorrido em uma vida específica, foram, porém, um ponto de vista sobre a cultura, em um tempo e espaço específicos, valorados por essa vida. E, como ponto de vista sobre a cultura, é também um registro único, porém significativo, desse tempo-espaço que foi o ensino superior no Brasil dos últimos anos. No final, afirmo, com esse conjunto heterogêneo e multidirecional de textos, uma vida e, nela, muitas relações e, nelas, ideologias em luta, princípios formativos em gestação, filosofias em debate com a vida e a arte: a alteridade

constitutiva das forças revolucionárias em ato. Em tudo isso, o que se pode esperar vislumbrar é, em último caso, um rosto humano, o meu, em relação e em resposta, sempre, que espero sinceramente não ter apagado nessas idas e vindas na criação desses textos.

A campanha tocou e uma pessoa que não conheço me entregou um pacote. Dentro, um chapéu e um bilhete. O chapéu tinha o meu nome dentro, Marisol Barenco de Mello, mas não o reconheci, acho que foi um engano. O bilhete dizia: “Usei esse chapéu por alguns anos, o encontrei na rua, rolando, após uma tempestade de vento. Penso, porém, que seja seu. Achei que era meu, mas não cabe mais na minha cabeça. Melhor que volte para você, já que é seu nome que está escrito em seu interior. Abraços afetuosos, Marisol Barenco de Mello”²⁸.

Então eis que ela me envia esse chapéu assim: o que isso quererá dizer? Certamente quer que eu arrume toda essa bagunça para ela, ou talvez tenha sido eu a fazer essa desordem, quem sabe quem é que foi para longe e quem é que, indo longe, mais retorna a essa dobra inicial. Se Marisol vai escutar outras vozes, outras prosas, outras poéticas, outras belezas, quem é essa que aqui terminará essa tarefa?

Bem, não tem muito jeito então, quanto a mim, arrumo essa papelada e dou acabamento a essa escritura. Chamarei de Memorial, para que possa ter validade documental para a finalidade pretendida. Mas tenho muitas dúvidas se, de fato, foi isso que aqui foi feito. Poderia chamar de memorial heterocientífico? Eu e a outra Marisol, sempre com essa nossa mania de complexificar as

²⁸ Parafrazeando Meyrink, em *O Golem*.

tarefas simples e escrever demais quando se espera uma coisa objetiva! Isso já advertira, sem sucesso, o orientador. Mas é que não dá para fazer as coisas nas quais não se crê. Se não der certo, se isso que ela escreveu for julgado não ser um memorial, escreverei eu mesma outro ano que vem, como manda o figurino, ou o documento oficial. De toda forma não vou a lugar nenhum mesmo, a outra Marisol é que parece que vai, seja lá quem ela for. Mas sinceramente espero que seja compreendido como um Memorial de Carreira, porque o é, do modo como acredito que essa escritura deva ser: heterodiscursiva, heterocientífica, heterobiográfica. Um Golem certamente não foi o que se erigiu de minha leitura: aqui nenhuma verdade faz vivo o conjunto. Pelo menos desejo que possa ser compreendido como um texto recordação das relações que vivi, na UFF, nesses vinte e dois anos, texto no qual muitos dos leitores certamente irão reconhecer suas vidas. Na UFF me fiz pesquisadora, nessas relações me faço, ainda e todos os dias, professora em formação. Espero que essa escritura tenha conseguido fazer vislumbrar alguma face minha, se não em um ângulo frontal, se não uma única, ao menos que eu possa ter sido vista, vendo e vivendo a vida na Universidade.

Esta é a face de minha carreira, na UFF, porém a UFF não é minha vida toda. Quando fui aprovada no concurso para professora de Psicologia da Educação, em 2004, tinha já quarenta anos de idade e vinte e cinco anos de profissão docente. Nada do que fui, na juventude, foi desperdiçado: as leituras, lutas e relações foram como que se dobrando e desdobrando em outras, muitas vezes me fazendo acessar as dobras iniciais de modo que dois tempos se olhavam face a face. Me fez profundo prazer poder ver a vida deste ângulo de mirada, perceber que não foi nem tão grande, nem tão relevante quanto às vezes pensei. Mas, por outro lado, perceber que uma grande coerência multifacetada e

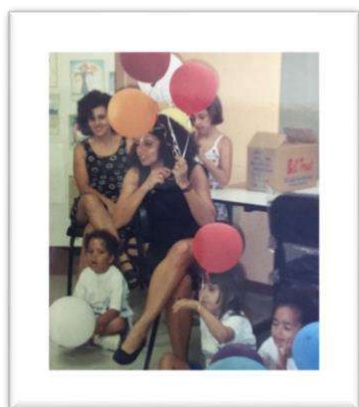
em formação pode configurar-se como algum acabamento provisório, de ordem ética, estética e política: se isso for possível, ela terá a cara do infinito amor pela escola pública.

BARCOS AO MAR: gentes reunidas por afeição ao tempo e às relações

Parti, com outro chapéu, este aqui de palha. Do alto de uma elevação na praia, vi os amigos que entravam com seus caiaques no mar. Dali daquela posição eu estava nem fora nem dentro da praia, mas ligeiramente elevada, de modo que via os amigos nos barcos, seus movimentos divertidos, mas também via a fragata que se aproximava ao longe, e que passaria por onde eles agora estavam, bem como via uma nuvem que baixava aos poucos no horizonte, ao leste. Via o que eles não poderiam ver, e só com muita dificuldade poderia supor o que eles estariam vendo, se me esforçasse na projeção geográfica. Mas me dei conta de que, nos últimos tempos, tenho apreciado ver as pessoas dessa distância, nas suas vidas. Vejo a empatia que é o amor estético pelo herói surgir nesses momentos. O percebo em sua mortalidade imprevisível para ele mesmo, mas sondável a mim, e o amo porque é mortal, e porque essa vida é bela. Não projeto a mim mesma em direção à vida, mas ao contrário, projeto-me em direção a essa tangente, lugar da vida sobre o limiar, ao mesmo tempo fora e sobre as bordas da vida, como um cordão umbilical em direção à placenta. A vida que se gesta dessa mirada é a de um outro; se eu quisesse até me colocaria naquela vida, mas, daqui da elevação da praia, é sempre um outro este que no mar se afasta, brincante. Se eu quisesse faria um tentáculo do Kraken surgir entre as embarcações, levantando o tecido do mar até fazer escorregar todos os barquinhos para longe, mas amo esses heróis, e não farei o polvo surgir. Prefiro, daqui desse lugar, contemplar essas vidas outras, como essas que os convido a contemplar, neste Memorial e nesta galeria final de fotografias: barcos que vão pelo mar. Penso que talvez tenha compreendido o lugar do autor, e ao mesmo tempo o valor do amor pelo ser

humano, diante de mim na vida, ou diante de mim na arte. Também, compreendi que esse olhar autor que venho cada vez mais apreciando é, de certa forma, uma excedência em relação à alegria e ingenuidade ou à revolta e aborrecimentos da vida enquanto vivida, um cansaço e uma experiência lenta, em um tempo grande, assaz amoroso. Uma velhice, em suma, pela qual agradeço profundamente.





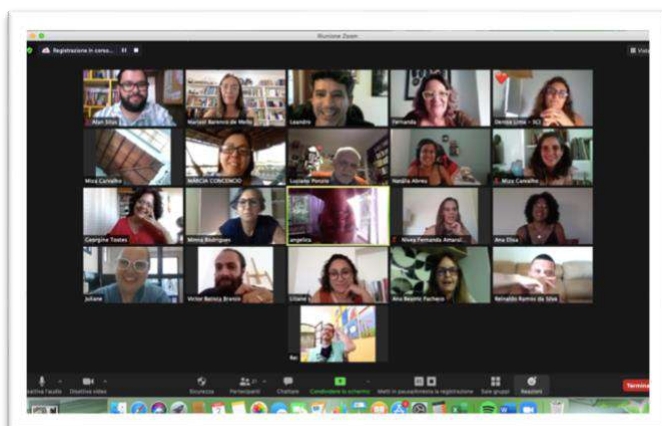




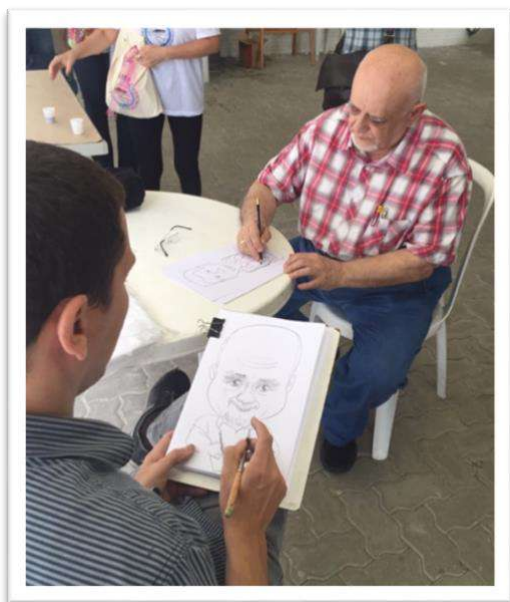














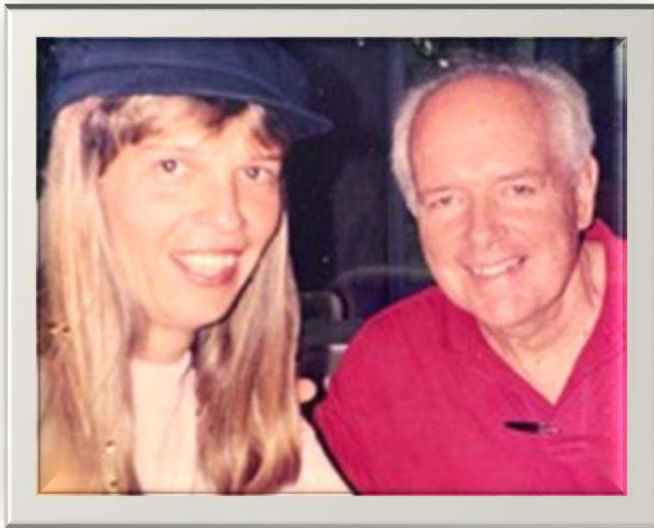












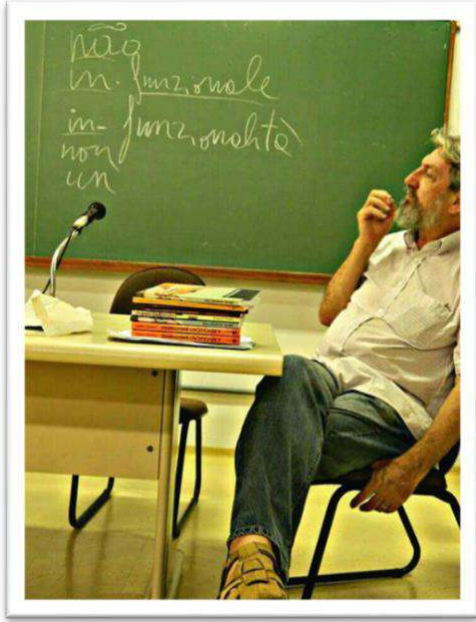




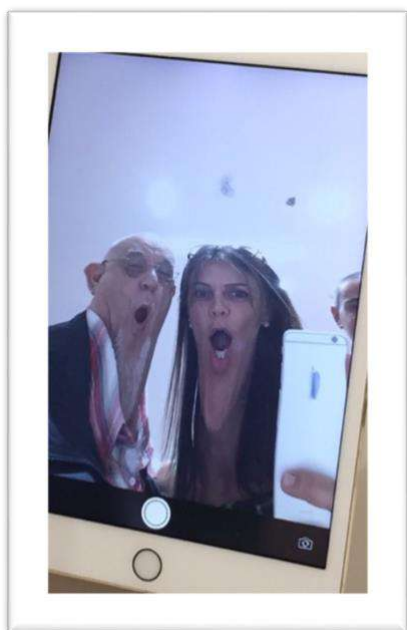






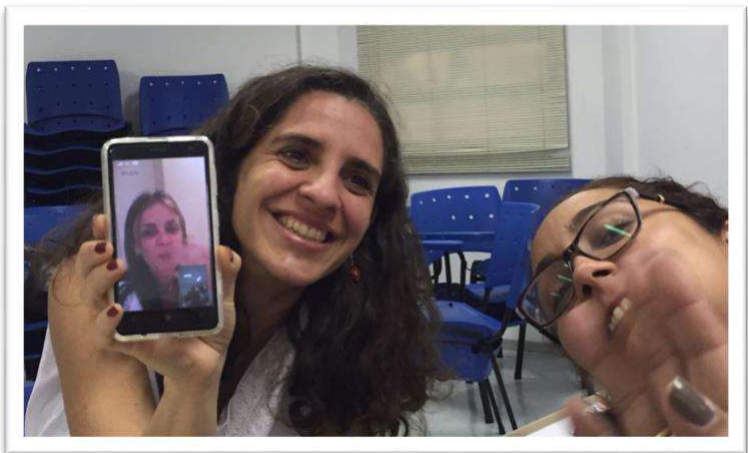




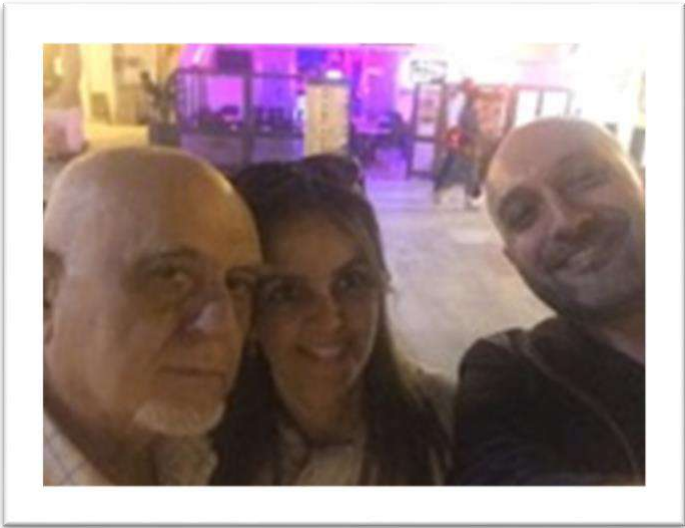




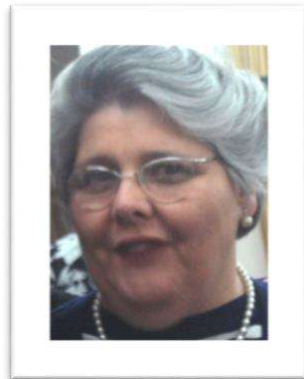
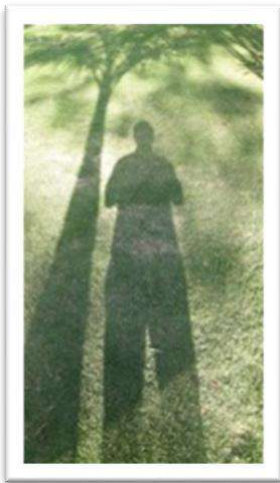


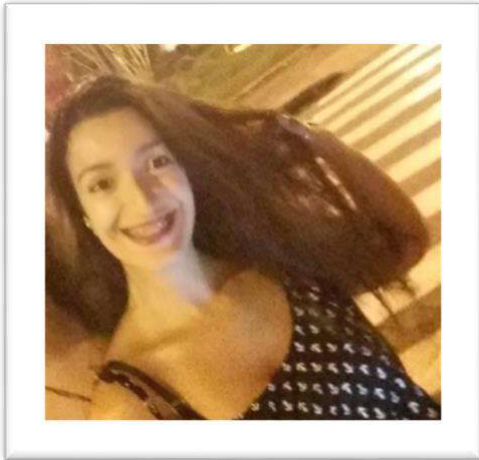


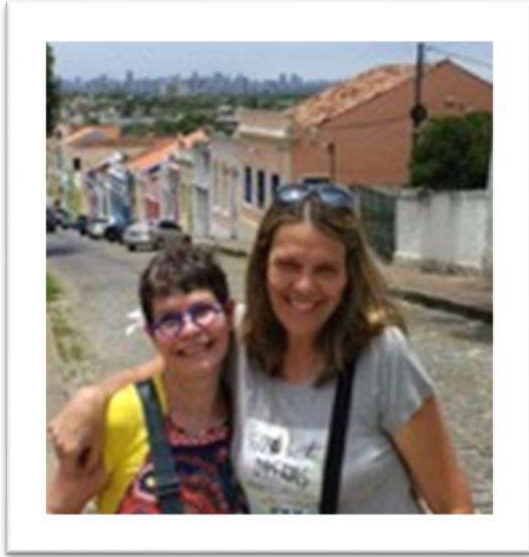




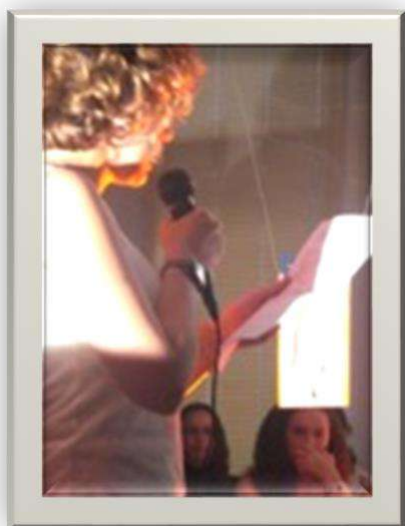






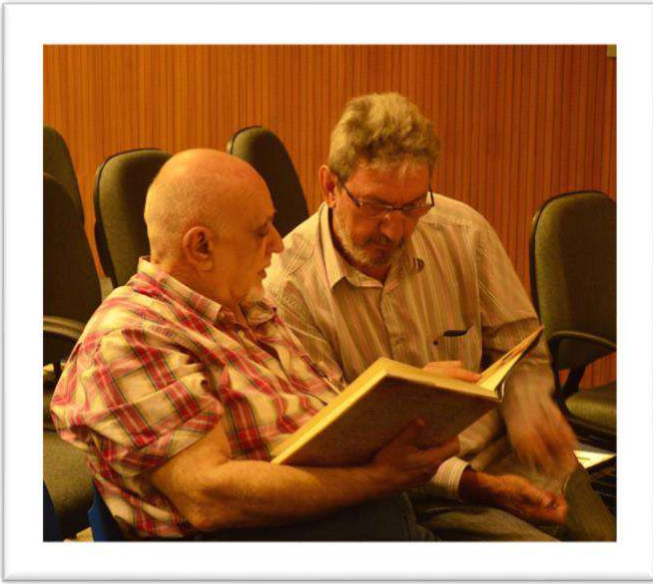


















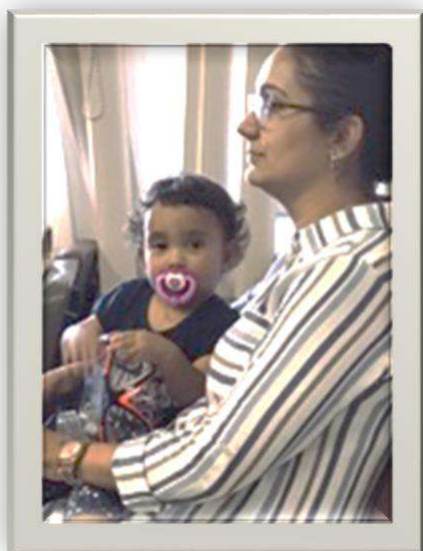










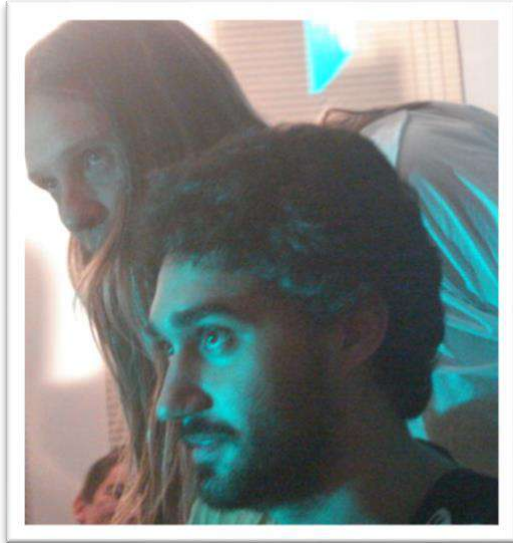
















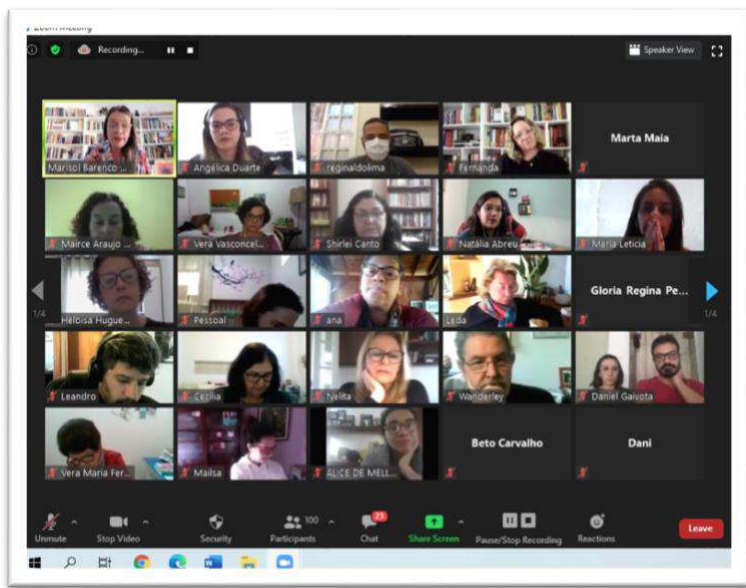


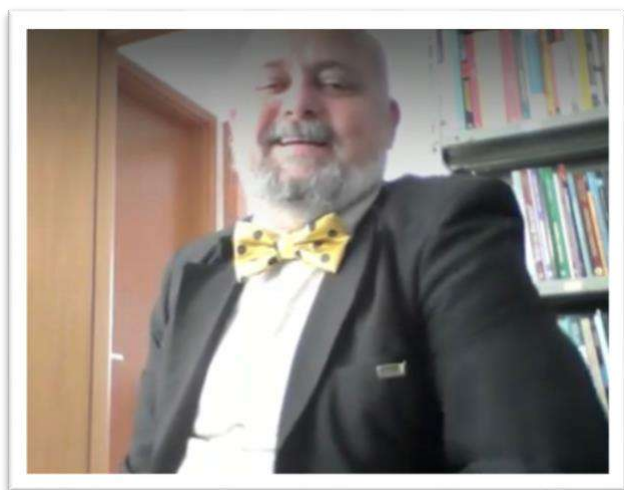


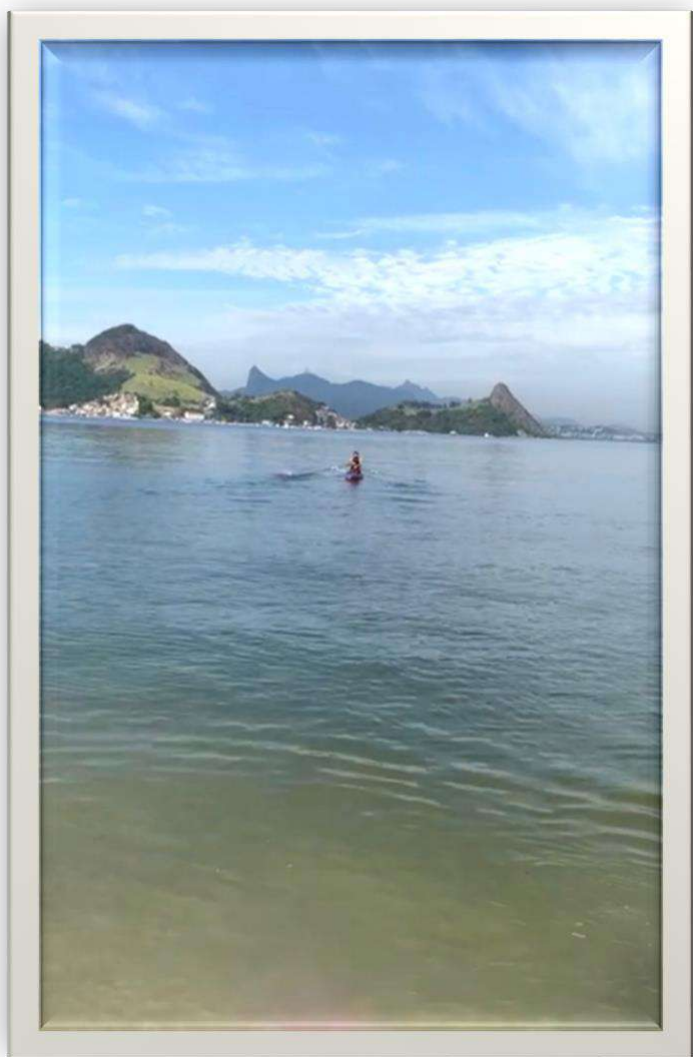












REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. *O homem ao espelho*. Apontamentos dos anos 1940. Trad. Marisol Barenco de Mello e Maria Letícia Miranda. 2ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 110p.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Hucitec Editora, 2002.

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007, 95p.

BLANCHOT, Maurice. *La conversazione infinita: scritti sull'”insensato gioco di scrivere”*. Torino: Eunadi, 2015.

BORGES, Jorge L. *Borges e eu*. In: Jorge Luis Borges - Obras Completas II, Rio de Janeiro: Editora Globo, 1999a.

BORGES, Jorge L. *O imortal*. In: Jorge Luis Borges - Obras Completas I, Rio de Janeiro: Editora Globo, 1999b.

CALVINO, Italo. *Autobiografia de um espectador*. In: *O caminho de San Giovanni*. Trad. Roberta Barni. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, 120p.

CALVINO, Italo. *Lezioni Americane*. Sei proposte per il prossimo millennio. Milano: Mondadori Libri, 2017.

CONCENCIO, Márcia de S. M. *Alfabetização e autorias: escrituras com crianças na Escola Municipal Sebastiana*

Gonçalves Pinho. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2019.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor. *Bobók*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Editora 34, 2012.

DUARTE, Angélica. *Construindo uma Escuta da Criança*. Sofrimento, Ética e Estética na Escola. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2018.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GERALDI, João W. *Ler livros é amar outras vidas possíveis, existentes, imagináveis, inimagináveis*. São Carlos: Pedro & João, 2019, 272p.

GRUPO ATOS UFF; Angélica Duarte; Márcia Concencio (orgs.) *Palavras bakhtinianas para mudar o mundo*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, 415 p.

GRUPO ATOS UFF; Miza Carvalho, Natália Abreu; Reinaldo Lima (orgs.) *CADERNO DE ESTUDOS I: Arte e Afiguração*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 239p.

GRUPO ATOS-UFF. *Fio Solto: que escola você deseja?* 2ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020, 97p.

ISÓCRATES. *Panerígico*. Trad. e comentário de André Rodrigues Bertacchi. In: BERTACCHI, André. *O Panerígico, de Sócrates: tradução e comentário*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2014.

KIRALY, Cesar L. O Ensaio em Lukács: estilo tardio e a forma da juventude. In: *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 1, p. 51-86, jan/mar, 2017.

KONDER, Leandro. *Lukács*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980. – (Fontes do Pensamento Político)

LIMA, Márcia Fernanda C. “*Vem ver, Renatinha, uma froza!*”: A criança, o poeta e a poesia numa tese-ninho. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2020.

LIMA, Reinaldo José. *Cinema & Infância – Arte e Vida*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

LOPES, Ana Lucia A. C. *Um novato lá na sala, tia, tem que pegar ele também, escreve tudo agarrado!* A escuta das enunciações sobre o aprender nas conversas das crianças. Tese de doutorado. Orientadora Marisol Barenco. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

LUKÁCS, Georg. *A alma e as formas: ensaios*. Trad. Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. – (Coleção Fulô)

LUKÁCS, György. *Dostoevskij*. Milano: SE, 2000. – (Saggi e documenti del Novecento)

MELLO, Marisol B. *O Amor em tempos de escola*. 2ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 217p.

MELLO, Marisol B. & Grupo Atos UFF. *Constelar: aprendendo o exercício de uma heterociência*. *Aleph*, 2016, v.25, pp. 223 – 245.

MEYRINK, Gustav. *O Golem*. Trad. Petê Rissatti. São Paulo: Carambaia, 2021.

MOURA, Reginaldo L. *Crônicas da Cidade: pensando na hospitalidade dos encontros*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2020.

NEVES, Liliane C. M. N. *Conversas no cotidiano escolar: formação-reflexão-ação teorias que se movimentam*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2015.

OLIVEIRA, Ana Marcelina & GONÇALVES Jr., Oswaldo. *O Processo de Implantação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: o caso de um Instituto em Minas Gerais*. III Semana de Ciência Política na Universidade Federal de São Carlos, 2015.

PONZIO, Augusto; MIOTELLO, Valdemir. *A ligeireza da palavra*. Trad. Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 137p.

PONZIO, Augusto. *Livre Mente: processos cognitivos e educação para a linguagem*. Trad. Marcus Vinícius Oliveira e Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 335 p.

RAGUSA, Giuliana. Afrodite nos simpósios de Baquilides e Píndaro. In: *PhaoS*, 2012 (12), pp. 61-77.

SANTOS, Ana Elisa A. *Os Doze Trabalhos de Hércules: um estudo em doze ensaios sobre a prática do teatro escolar*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2020.

SANTOS, Miza C. *Os Reinos Invisibilizados: um encontro com a palavra mandinga*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2018.

SILVA, Maria Leticia M. B. *Um risco na noite: uma semiótica do autorretrato artístico de criança na escola*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, 2019.

TARDAN, Denise L. *Cara carta: (co)respondências de uma professora*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal



Nada do que fui, na juventude, foi desperdiçado: as leituras, lutas e relações foram como que se dobrando e desdobrando em outras, muitas vezes me fazendo acessar as dobras iniciais de modo que dois tempos se olhavam face a face. Me fez profundo prazer poder ver a vida deste ângulo de mirada, perceber que não foi nem tão grande, nem tão relevante quanto às vezes pensei. Mas, por outro lado, perceber que uma grande coerência multifacetada e em formação pode configurar-se como algum acabamento provisório, de ordem ética, estética e política: se isso for possível, ela terá a cara do infinito amor pela escola pública.

Marisol Barenco de Mello



ISBN 978-65-265-1325-5



9 786526 513255 >